



## Sintese Missão Cunani 2010

Claire Couly, Florent Kohler, Elsa Lacascade, Verena Lombardi, Dorothée  
Serges

### ► To cite this version:

Claire Couly, Florent Kohler, Elsa Lacascade, Verena Lombardi, Dorothée Serges. Sintese Missão Cunani 2010. 2010. halshs-00605505

**HAL Id: halshs-00605505**

**<https://shs.hal.science/halshs-00605505>**

Preprint submitted on 1 Jul 2011

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## PROGRAMME USART

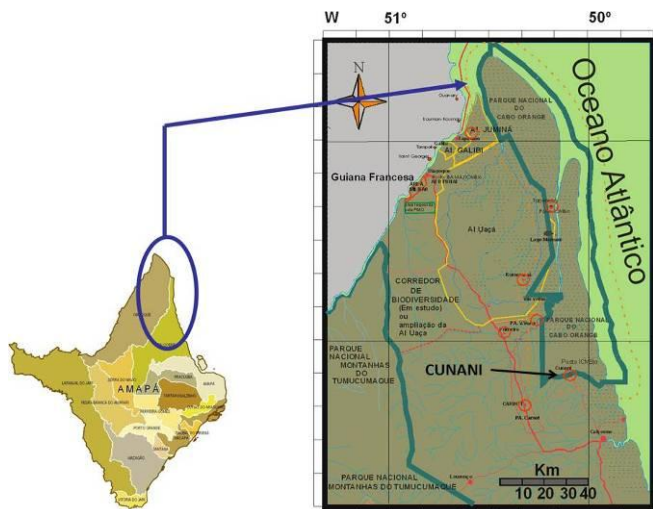
Claire COULY (IRD)  
Florent KOHLER (CREDA)  
Elsa LACASCADE (CREDA)  
Verena LOMBARDI (MNHN)  
Dorothee SERGES (CREDA)



## [SINTESE MISSÃO CUNANI]

10 A 31 DE AGOSTO 2010

## Logística, calendário e distribuição de tarefas



1. Mapa realizado pela equipe do Parna Cabo Orange.

A preparação do trabalho de campo de Cunani ocorreu em duas etapas. Uma primeira visita para tomada de contato foi efetuada em outubro de 2007, por conta do Parna Cabo Orange (apenas o tempo para uma ida e volta ao Lago Tralhoto). Para a missão de agosto de 2010, houve negociações com os responsáveis pelo Parque Nacional (Kelly Bonach e Ivan Machado) para facilitar a logística e as autorizações (o projeto foi incluído no programa de turismo de base comunitária « Tartaruga Imbricata »). Por parte da Guiana Francesa, Bruno Soligon, administrador das empresas de turismo Yatoutatou e Wayki Village, nos assegurou seu apoio (traslado do aeroporto de Caiena a Roura, alojamento em Roura e transporte de Roura a St. Georges).

**Calendário da estadia:** chegada a Caiena em 10/08; pernoite de 10 a 11 em Roura; 11/08 Roura-St. Georges-Oiapoque; pernoites de 11 e 12 em Oiapoque; 13/08 Oiapoque-Calçoene-Cunani; estadia em Cunani de 13 a 29/08 (exceto Dorothée e Verena, em Calçoene de 21 a 25/08; 29/08 Cunani-Calçoene-Oiapoque; 30/08 – dispersão da equipe).

Do ponto de vista científico, a missão tinha como objetivos, no marco do programa USART, dois protocolos: um antropológico, focalizado na ligação ao território, e um etnobiológico, dedicado aos usos, costumes e calendários de atividades. Não tivemos acesso ao protocolo geográfico.



2. Vista aérea da Vila de Cunani (Arquivo Parna Cabo Orange)

Os problemas encontrados foram os seguintes:

- Cunani conta hoje em dia com poucas habitações e quase nenhum adulto jovem ou adolescente; a amostragem estava viciada desde o início.

- As visitas às casas se complicaram pela ocorrência de uma morte em uma das principais famílias, provocando a proibição de entrada às roças, sob risco de perda da colheita. No entanto, foi possível visitar um número significativo de roças para o análise etnobiológico.

- Em relação à logística e a contribuição do ICMBio, nenhum problema foi encontrado, exceto imprevistos como o mau estado da estrada. Nós combinamos que agradeceríamos o ICMBio em todas nossas publicações, enquanto eles citariam o programa USART cada vez que fizessem uso de nossos dados.

- Os habitantes de Cunani nos deram um excelente acolhimento. Não houve qualquer malentendido quanto ao motivo da nossa presença: foi deixado bem claro que nosso objetivo não era criar projetos de desenvolvimento local e que nós não trabalhávamos nem para o IBAMA nem para o INCRA. Foi notável a adesão dos habitantes as nossas atividades (em particular na elaboração do mapa coletivo), apesar de que uma outra equipe havia feito um trabalho similar em fevereiro de 2010, para o ICMBio.

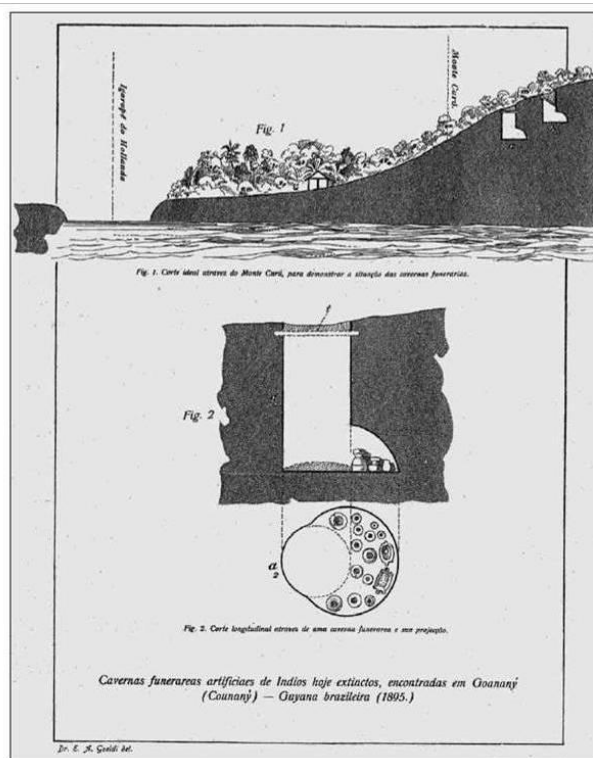
## Histórico

A história de Cunani começa pela presença de misteriosos índios, a « civilização Aristé », que deixou um ritual funerário único no Brasil: os túmulos cavados em forma de bota (ver figura 3). Estes túmulos estão na origem do mistério que paira sobre Cunani quanto à presença de túneis cavados pelos franceses, cujas entradas e saídas correspondem aos túmulos descobertos em 1883 (sob a antiga igreja) e em 1895 (sob o Monte Corró ou Coru). Destes túmulos foram recolhidas cerâmicas esculpidas e pintadas, que fazem parte hoje das coleções do Museu Goeldi em Belém, PA.

Em 1717, a assinatura do Tratado de Utrecht criou a questão do Contestado Franco-Brasileiro: o limite foi fixado no Oiapoque, mas os franceses argumentam que se trata em realidade do rio descoberto por Pinzón, que seria o Araguari.

O sítio de Cunani é geograficamente elevado, favorecendo assim a implantação humana. Em 1777, jesuítas (ou espiritanos) franceses fundam ali a missão de Goanani, buscando reunir os índios que fugiam da pressão portuguesa. Aí se encontra a origem das plantações de cacau, que se espalharam espontaneamente por toda a região, até Vila Velha (**para as referências, veja-se Cronologia no final do documento**). A missão se extinguiu em 1791, tempo suficiente para deixar no local numerosas missangas, pérolas e colares, sem contar as urnas funerárias do período Aristé. A distribuição das casas na Vila, que se parece a uma aldeia, com a antiga igreja na extremidade, de costas para o rio, pode ser igualmente uma influência dos jesuítas.

Em 1841, a suspensão da colonização decretada por ambas as partes transforma a região em porto de tranquilidade para os índios e os escravos fugitivos. A abolição da escravidão pela França, em 1848, tornou a região do Contestado ainda mais atraente, com a França cessando desde então de capturar e repatriar os fugitivos brasileiros. Esta zona protegida se torna desde então palco de guerras inter-grupais, e numerosas etnias se desfazem e se recompõem. A região do Cunani se povoa de « mocambos », povoados de escravos e alforriados, instalados à distância dos principais núcleos de povoamento. A origem étnica dos habitantes atuais é marcada por essa presença, misturando igualmente indígenas, crioulos e provavelmente « bagnards », ex-presidiários franceses. Entretanto, a Vila de Cunani só adquire existência legal a partir 1858, quando o vice-consul da França em Belém, Prosper Chaton, funda um município sobre as ruínas da missão jesuítica, desejando fincar um ponto de apoio para o garimpo. Ele institui as funções de capitão e vice-capitão, apoiado por um brigadeiro. Segundo Coudreau, que visitou a região 25 anos mais tarde, se encontrava em Cunani um cemitério de europeus com « 25 a 30 túmulos », origem dos túmulos de concreto e telha no caminho do cemitério comunitário.



3. Gravura ilustrando o artigo de Goeldi (1900).



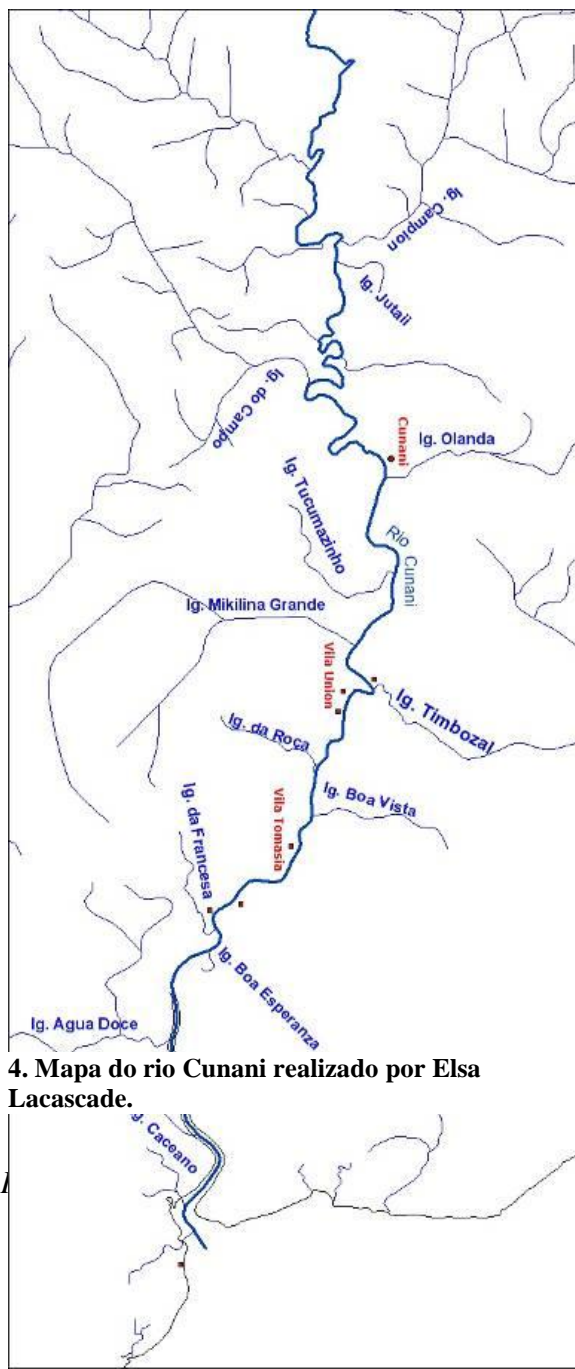
Ainda segundo Coudreau (referência sujeita a cautela, pois o autor se entrega à propaganda a favor da colonização), a vila em 1883 é uma cidade próspera, com vários comércios, os principais detidos por Demas, Vasconcellos e Trajano, e onde se pode encontrar vinho francês e outros produtos importados. Não obstante, as casas são de madeira ou de pau-a-pique e cobertas de folhas de palmeira, exceto a igreja, que é de tijolos. Ele estima a população em 300 habitantes (600 para a região) e observa que *muitos habitantes possuem, além de uma casa na vila, um « retiro » a beira do rio, que é sua habitação principal*. Ele observa também que a população é composta por antigos escravos brasileiros, mestiços, comerciantes brasileiros e franceses. Coudreau também menciona o personagem Guignes, supostamente enviado por Jules Gros para preparar o terreno à futura República.

Trajano, capitão da vila até 1895, havia chegado à região em torno de 1870, fugindo de Curuçá, onde ele era escravo. O fato de ter se tornado capitão atesta por um lado sua autoridade natural e o respeito que inspira (apesar de ser analfabeto, os franceses o consideram como seu interlocutor principal), mas também a provável maioria que representavam os antigos escravos na região. Esta maioria chega a provocar conflitos: assim, o negociante Vasconcellos fomenta uma sublevação em 1884, provavelmente inspirada por proprietários de escravos que desejavam reconstituir seus efetivos. O mesmo Vasconcellos se tornou cúmplice, em 1895, da prisão de Trajano por Cabral e seus homens, o que custou a vida à sua família e levou-o a instalar-se em Calçoene.

Levando em consideração este panorama, a « República de Cunani » (1885-1888) é um fenômeno a ser relativizado. A iniciativa se deve provavelmente a Trajano, usando de suas boas relações com Coudreau e Guignes, para proclamar a autonomia da região; as cartas de Trajano ao Governador de Caiena foram sem dúvida redigidas por Coudreau. Trajano foi levado a isso pela hostilidade, cada vez mais manifesta, dos colonos e negociantes brasileiros, ao mesmo tempo em que aproveita o movimento similar iniciado pela França que desde 1884 realiza expedições científicas a fim de conhecer melhor a zona do Contestado – o que explica a presença de Coudreau. Mas esta República de fato não sai do papel e de proclamações diversas. Jules Gros, presidente honorário, não deixa a França e se contenta em financiar a emissão de moeda e a impressão de medalhas, criando a ordem dos Cavaleiros de Cunani. O governo francês, de início favorável à iniciativa, muda rapidamente de posição diante da reação do Brasil.

Percebe-se, em todo caso, uma dinâmica de ocupação que será acelerada por dois fenômenos: a abolição da escravatura no Brasil, lançando numerosos homens livres nas estradas, buscando terras livres, e as incursões violentas de brasileiros (liderados por Cabral)

Coordination : François-Michel Le Tourneau. I



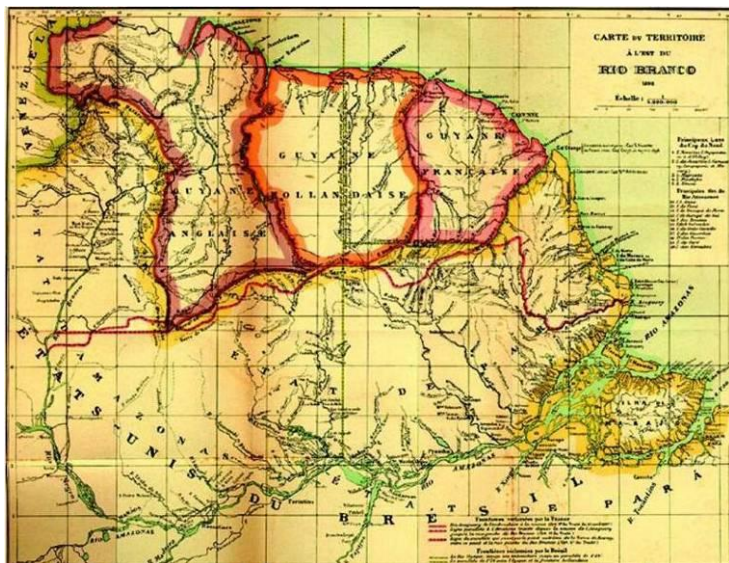
4. Mapa do rio Cunani realizado por Elsa Lacascade.

intensificadas nos anos 1890, levando ao deslocamento de populações ameríndias aterrorizadas. A prisão de Trajano em Cunani em 1895, efetuada na manhãzinha por um batalhão de trinta soldados enviados por Cabral (prisão testemunhada por José da Luz), provocará uma série de escaramuças entre os franceses enviados em seu socorro e as tropas de Cabral, que dirige um triumvirato que governa de fato o Amapá. Segundo a história oficial, estas escaramuças ocorrem não em Cunani, mas na vila de Amapá; assim os habitantes de Cunani não podem invocar, para este episódio, o testemunho de seus avós.

Uma vez Trajano preso, é José da Luz Sereja que se torna capitão. Ele será o interlocutor da delegação francesa designada em 1897 para participar da Comissão Mista de Administração (reunindo franceses e brasileiros), para regulamentar o contencioso do Contestado. A expedição de Goeldi, em 1895, se insere nessa lógica. Seu relatório oficial revela que José da Luz se passou para o lado brasileiro, depois de ter apoiado Trajano, e que depois dessa virada mudou o nome de um conjunto de cabanas, chamado « La Française », para dar-lhes o nome de « Boa Esperança ». O mapa elaborado por Elsa Lacascade (Fig.4) mostra que o igarapé « Boa Esperança » sobre a margem esquerda do rio, no sentido da foz, se encontra em frente ao igarapé « da Francesa » (mencionado por Coudreau como « crique française »). O mesmo José da Luz, no momento da visita de Goeldi em 1895, estava ocupado em reabrir o caminho ligando Cunani a Vila Velha, já que os habitantes de Vila Velha (principalmente indígenas) se queixavam de um total isolamento. A empreitada lhe tomou 7 dias e ele afirma a Goeldi que naquele momento os 45km que separam os dois povoados poderiam ser percorridos em 2 dias, o que corresponde a trilha atual.

Depois da descoberta de ouro em Calçoene por um brasileiro chamado Firmino, em 1893, a região foi objeto de migrações intensas de garimpeiros. Vários milhares de “ingleses” (na verdade, negros do Suriname e da Guiana) chegaram a Calçoene, assim como crioulos guianeses e antilhanos. Estas migrações geraram problemas e assassinatos, podendo-se supor que o episódio dos « baianos » contado pelos habitantes de Cunani, se inscreva neste contexto (um batalhão de soldados brasileiros enviados para implantar o terror para estabelecer a ordem); outra hipótese seria a de um grupo de escravos fugitivos. Pode-se ainda supor que estes baianos seriam de fato senegaleses, como veremos a seguir.

A delegação francesa estabeleceu-se em Cunani em 1898. Era dirigida por um diplomata chamado Drujon e sua escolta compunha-se de índios Palikur, além de 45 atiradores



**5. Mapa apresentado pelo Barão Rio Branco sob ordens brasileiras.**

migração brasileira (já fortemente encorajada por Cabral desde os anos 1890). Os garimpeiros

senegaleses, que se supunha suportariam bem as condições tropicais. Sua presença suscitou uma animosidade geral, sobretudo porque a delegação brasileira também se encontrava em Cunani, e os soldados brasileiros queriam brigar com os franceses. Os atiradores senegaleses sucumbiram rapidamente ao beribéri, os Palikur à varíola e finalmente a delegação francesa foi dizimada pela malária. Ela deixou o local em 1900, depois da resolução do conflito.

A arbitragem suíça, que atribuiu a zona do Contestado ao Brasil, originou uma onda de

Brasileiros, como o famoso Lourenço (que deu nome a um garimpo e a uma vila), tomaram o controle dos « placers » (lotes de garimpo) estabelecidos pela administração francesa em 1894.

A partir de 1900 a história oficial focaliza-se em Macapá e Oiapoque, se bem que se pode contar com alguns detalhes históricos e com informações dadas pelos atuais habitantes de Cunani. Estima-se que a partir desta data a colonização oficial partiu para o sul, passando pelo litoral. É durante este período que se implantam as fazendas de búfalo e de boi, nas embocaduras dos diferentes rios da região, entre elas sem dúvida a Fazenda Barbosa, cujo proprietário possuía uma outra em Marajó. A pesca também se desenvolveu, e numerosos comércios apareceram ao longo do Cunani. Nota-se a chegada de numerosos migrantes, fundadores de Vila Tomásia e Vila União, oriundos dos Bailiques, Vigia, Breve, Soure e do Ceará. Pode-se supor que o comércio se intensificou e se diversificou: penas de aves nativas, peles de felinos e répteis, caça ao peixe-boi, extração de balata, cacau e breu. O perfil dos habitantes de Cunani se assemelha nesse período ao das comunidades ribeirinhas, com núcleos familiares dispersos ao longo do rio, reunindo-se por ocasião das festas organizadas na Vila.

A segunda guerra mundial trouxe novas perturbações, com a provável construção de uma pista de aterrisagem bem ao lado da Vila (além de boatos sobre a aparição de submarinos durante este período), e a transformação em 1943 do Amapá (até então pertencente ao Pará) em território federal. O Capitão Janary Nunes ocupa a função de governador de janeiro de 1944 até 1955. Um importante esforço de escolarização é levado a efeito por Janary e por seu sucessor. Pode-se imaginar que a construção do internato São Joaquim às margens do rio Cunani deveu-se aos esforços de Janary e de Enéias Barbosa, desde então proprietário de terras de Vila Tomasia até a foz do rio. O internato foi dirigido por Estelita, irmã de Enéias, e por seu marido Raul. As datas aproximadas de funcionamento desse internato são 1945-1960. Estas estimativas se apoiam em testemunhos dos atuais habitantes, dos quais apenas os mais velhos o freqüentaram. Além disso, a criação da escola comunitária na Vila de Cunani parece remontar a 1960, possível razão pela qual este internato isolado não se justificava mais.

A situação evolui dramaticamente nos anos 1970 com a construção da BR156. Cunani, como Vila Velha, é deixada de lado, sendo Calçoene que se beneficiará do desenvolvimento econômico trazido pela estrada. A escola de Cunani limita-se, daí em diante, apenas à 4ª série, levando a um início de migração para a cidade principal. Ao mesmo tempo, o comércio de peles de felino é proibido e o tráfico marítimo diminuído, pela concorrência do transporte terrestre. Mas o declínio é lento, quase imperceptível. A cabotagem fluvial parece desaparecer após 1975. A criação do Parque Nacional de Cabo Orange em 1980 limitará progressivamente a entrada de navios de pesca e diminuirá a pressão sobre os recursos marítimos.

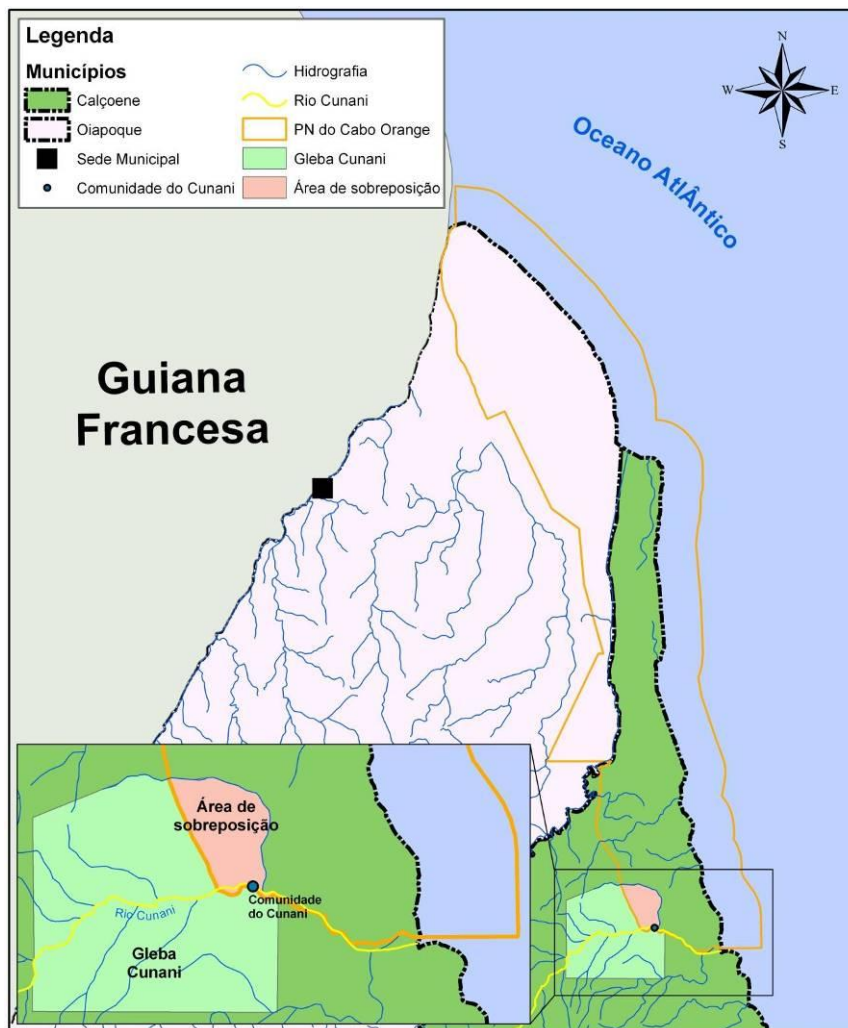
Parece que o período de 1980 a 1987 (época da abertura, pelos próprios habitantes, do ramal Calçoene-Cunani) foi o mais difícil (ver Kohler, 2007, para um testemunho abrangente de Sebastião Pinheiros, em Vila Velha). Tendo sido proibido todo comércio de peles, só restou a alternativa de três comércios situados rio abaixo a partir da vila (os de Vandico e de Rosende) além da “loja azul” de Raimundo Rocha, situada na vila, no lugar onde hoje encontra-se a enfermaria. Os habitantes vendiam a eles seus produtos (breu, cacau, farinha), chegando a Calçoene em piroga, passando pelo igarapé Água Doce. A viagem levava dois dias. A viagem por mar lhes era impossível por falta de barcos adaptados. Os comércios fecharam nos anos 1980, provavelmente devido à criação do PARNA. A migração para Calçoene toma desde então grande amplitude, continuando até os dias de hoje.

A abertura do ramal em 1987 resolveu apenas parcialmente o problema econômico. Por um lado, a presença do Parque Nacional congelou a dinâmica da migração. Por outro lado, o



custo do frete tornou-se proibitivo e os habitantes só podiam nesta época produzir farinha de mandioca, já que todo outro comércio era legal ou virtualmente proibido para eles. Somente a partir do ano 2000 o açaí tornou-se financeiramente interessante. Como numerosas comunidades regionais (Vila Velha, Kumarumã), os habitantes de Cunani procuram fazer frente ao peso do IBAMA, aliando-se a parceiros institucionais poderosos. Na região de Calçoene o INCRA desempenhará este papel (como já o havia feito em Vila Velha), possivelmente por razões políticas (contrapor-se ao IBAMA, que ameaça absorver o Amapá e transformá-lo numa enorme área protegida).

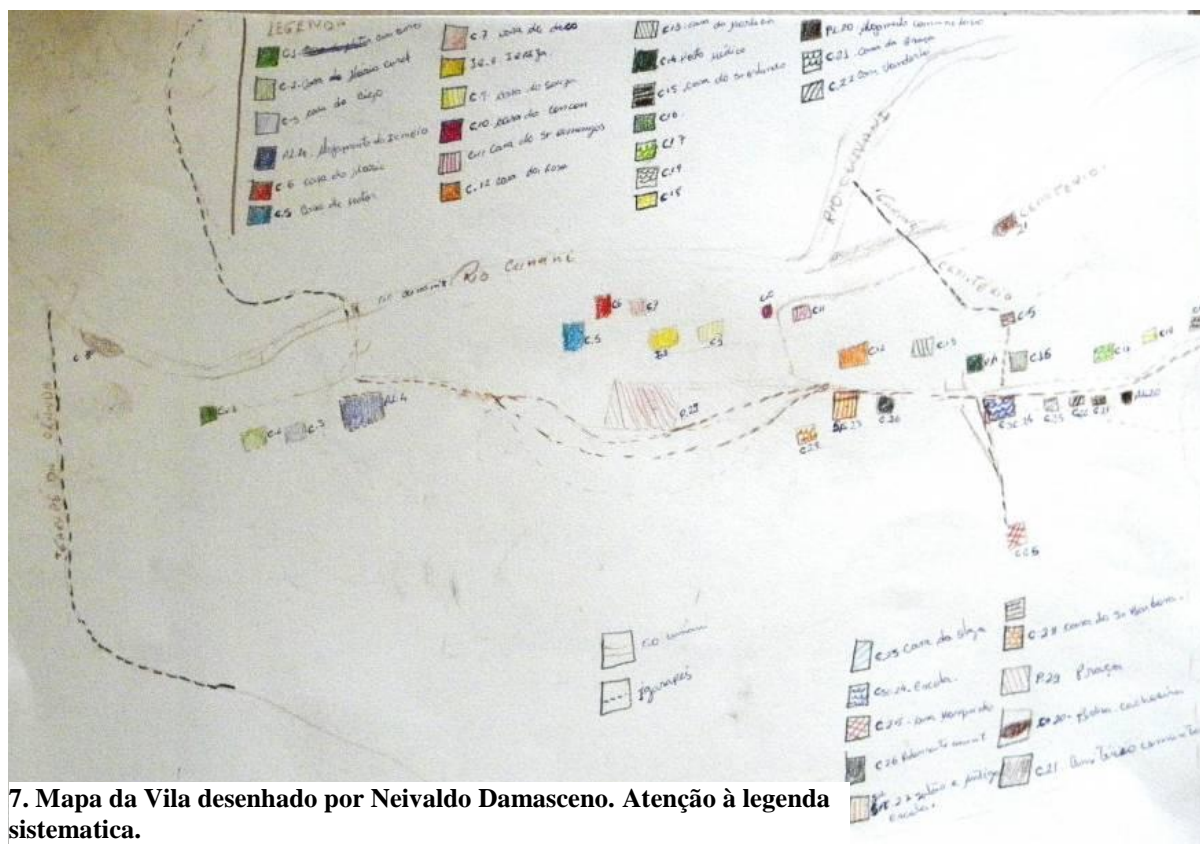
Em 2004, em sequência ao ativismo de um agente do INCRA, militante dos movimentos negros do Amapá, o quilombo de Cunani é identificado às pressas, delimitado às pressas e reconhecido pela Fundação Palmares; no entanto, a legalização foi totalmente suspensa, dependendo da produção de um relatório antropológico especializado que o INCRA jamais forneceu. Ao mesmo tempo, o IBAMA lançou em 2005 um programa de apoio às comunidades locais através do turismo de base comunitária. A iniciativa teve repercussão, mas gerou conflitos no seio da comunidade. A excelente relação do chefe do PARNA na época, Marcos Cunha, com os habitantes da comunidade, permitiu ao IBAMA, agora transformado em ICMBio, implantar uma base bem equipada em Cunani, bem como um posto avançado sobre o rio, que facilita a vida quotidiana dos habitantes. A situação é problemática e a posição atual da direção do Parque parece ser, mais do que levantar a questão da superposição quilombo/PARNA (22.000 hectares envolvidos), a de manter o status quo. A



6. Superposição PARNA Cabo Orange e Gleba Cunani reclamada pelo INCRA (Arquivo ICMBio)

comunidade se esvazia pela migração de adultos ativos cujos filhos passam na 5ª série, o ramal da estrada está num estado deplorável, colocando um freio às invasões de caçadores e pescadores de fim de semana. A incerteza reinante quanto às dimensões finais do quilombo (que terminará por ser homologado) tende a congelar o mercado de terras nas imediações. No estado atual das coisas os habitantes de Cunani, a maioria com mais de 50 anos, exercem apenas uma débil pressão sobre os recursos naturais, exceto durante a temporada do açaí, entre fevereiro e junho de cada ano.

## Etnografia resumida



7. Mapa da Vila desenhado por Neivaldo Damasceno. Atenção à legenda sistematica.

### Localização: habitats e instituições

A vila de Cunani tem dezoito casas, das quais cinco abandonadas (duas pertencem a moradoras de Calçoene, Raimunda Nazaré dos Santos Barbosa e Beatriz dos Santos Gojão) e outras ocupadas intermitentemente (casa de Rosimeire Damasceno, casa da Velha). A vila compreende uma parte alta, onde se encontra a igreja, e uma parte baixa, onde foi construída a sede do ICMBio (à esquerda no mapa abaixo). A igreja foi construída no século XX, substituindo uma outra, situada provavelmente mais próxima ao rio em frente à rua principal, construída em tijolos e telhas de Marselha. A igreja atual é coberta de Brasilite, já que as telhas foram retiradas para cobrir uma casa. As casas são construídas sobre pilotis, a cerca de 1 metro do solo. Elas medem de 6 a 8 metros por 8. Compõe-se de uma varanda, uma sala e na parte traseira um quarto e uma cozinha ou dois quartos, ficando a cozinha localizada num anexo. As casas são cercadas de um jardimzinho não delimitado, onde existem geralmente um pé de pimenta, limoeiros, cacaueiros e pés de cupuaçu, às vezes uma mangueira. Algumas poucas casas são pintadas em branco e verde, ou azul. O centro comunitário encontra-se em frente à igreja, do lado direito, vizinho à escola que está em frente ao posto de saúde (dirigido, no momento deste trabalho, por Edna Cavalcante Nunes).

### Organização social e complementaridade entre gêneros

Quatro grandes famílias são mencionadas por Valviki dos Santos Chagas, desde suas memórias mais remotas: Gonzaga, Macedo, Capestanha e Nazaré, às quais se juntaram os Barbosa (Raimunda), Damasceno (Domingos, Marilza), dos Santos (Doracy), Chagas (Rodivaldo, ou Bigó), Cavalcante (Edna) e Vilhena (Osiris) (**Fig.9**). A família Vieira, outrora

Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler

importante (proprietária de um comércio) tem atualmente apenas um membro na cidade (Edival Soares Macedo, o Vaq). O restante da família Vieira (dez pessoas) reside a 4 km, em um complexo de casas mantido por Ocenilda Vieira, mãe de Baio. Na vila, a família Damasceno ocupa a parte superior do povoado, enquanto a família Chagas localiza-se atrás. As duas famílias estão unidas pelo casamento de Rosa Damasceno Vilhena, filha de Maria José e Osiris, com João Amâncio Chagas, irmão de Bigó.

A origem provável destas famílias remonta a um processo duplo. Num primeiro momento, provêm de um povoamento havido nos tempos do Contestado (origem crioula, marrom, neo-brasileira, francesa e indígena), vivendo a montante da Vila e mantendo nela uma casa. Mais recentemente é fruto de uma colonização, depois da resolução do Contestado, por migrantes vindos das “ilhas” (Bailique, Marajó, Vigia) atraídos pela criação de fazendas e pesqueiros e que, subindo progressivamente o rio, criaram alianças. O exemplo mais evidente em nosso campo de trabalho é o da família Barbosa, proprietária de uma fazenda na foz, cujos filhos fundaram o internato, enquanto o patriarca distribui terrenos aos empregados fieis (Tomasia) e, tornando-se assim padrinho de numerosas crianças, lhes dá seu sobrenome como herança – prática corriqueira no sistema do aviamento. Temos pelo menos dois elementos em favor desta interpretação: primeiro, a toponímia que indica que apenas os igarapés imediatamente a montante e a jusante eram ocupados pelos antigos habitantes (**Fig. 15**); e depois, a lógica: como no caso do rio Trombetas, os escravos fugitivos ou qualquer pessoa que temesse problemas, evitavam instalar-se perto do mar, em lugares facilmente acessíveis por barco; sua tendência era preferir terrenos mais altos, a montante dos saltos, onde eles corriam menos risco de serem recapturados.

Em Cunani, as habitações são geralmente designadas pelo nome da mulher que as ocupa (**Fig.7 & 10**). Pode-se inferir que se trata de uma sociedade que tende ao matriarcado, onde as decisões são tomadas pelas mulheres. Diversas hipóteses sustentam esta afirmação: a ascendência quilombola, instituindo uma tradição estabelecida em certas sociedades africanas (matrilocalidade), ou a superioridade numérica das mulheres que se origina na maior proporção de migrantes masculinos (ver última parte). Acrescente-se que o declínio das atividades econômicas masculinas (venda de mandioca, peixe, açaí, que ocupam apenas um pequeno período do ano), leva a uma perda de influência dos homens como únicos provedores do lar, reduzem a autoridade masculina e tornam menos toleráveis, aos olhos de suas esposas, os abusos alcoólicos e as violências conjugais (ex marido de Meire; Domingos, ex marido de Marcia). A conversão ao protestantismo, a fim de abster-se do álcool é uma alternativa para alguns. A somatória destes fatores pode explicar a retirada dos homens da tomada de decisões.

A distribuição dos papéis e das atividades familiares configura, como acabamos de ver, de um lado uma tradição vinda das sociedades africanas (resistências culturais do período de escravidão, migração de crioulos guianenses) e de outro elementos próprios das populações amazônicas tradicionais, como por exemplo a divisão de tarefas durante a plantação e a colheita da mandioca. Nota-se que as mulheres não se contentam em apenas cuidar de seus filhos; elas também pescam, cuidam do seu jardim e passam longas horas nas varandas das casas ou nos diferentes locais de socialização (bancos da praça – **Fig.12** – escadas levando à sede do ICMBio) conversando, por vezes em companhia de homens, estes últimos sempre em minoria (exceto sobre o molhe em frente à casa de Bigó, ou na varanda de Osiris e Hermógenes).

Observa-se um outro tipo de divisão de tarefas que parece característico da Vila em questão, no que respeita às festas de santos: a de Santa Maria é organizada pelas mulheres e a de São Benedito, pelos homens. A festa de São Raimundo, o “santo parteiro”, outrora organizada pelas mulheres, não é mais celebrada em virtude do baixo número de nascimentos,

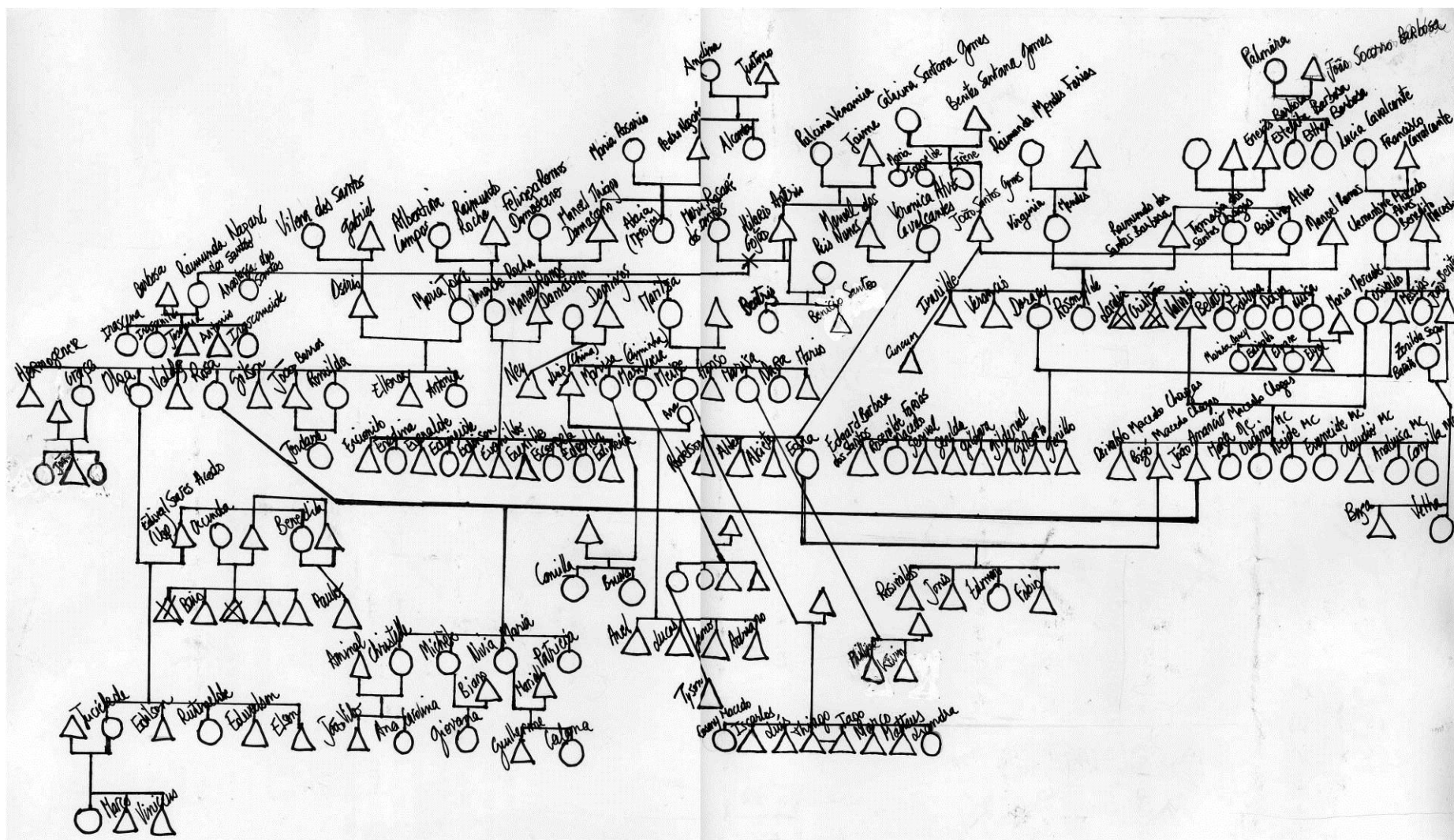


atualmente. A maioria das mulheres que residem em Cunani optaram por fazer uma ligadura de trompas, em geral após o oitavo filho e no caso de Velha, depois do segundo.



**8. São Benedito e Santa Maria, interior da Igreja de Cunani.**





**9. Esquema de parentesco Cunani / Calçoene. Realização Dorothee Serges.**

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*

*Percepção da história pelos habitantes*

O local ocupado pela Vila atual foi rico em história e em traços de passagem. Tentaremos algumas linhas de interpretação, mais evidentes agora pela recente mobilização em torno da criação do quilombo. Esta mobilização e as múltiplas intervenções externas trouxeram numerosos elementos que tornaram dificilmente legível a maneira pela qual os habitantes reconstituem sua história. Como ocorre com frequência constata-se uma tendência a se dissociar dos predecessores para além de três ou quatro gerações, como se a população atual tivesse substituído um povoamento mais antigo. Fica claro que os habitantes de Cunani têm dificuldades em fazer a ligação entre a ascendência quilombola e eles mesmos.

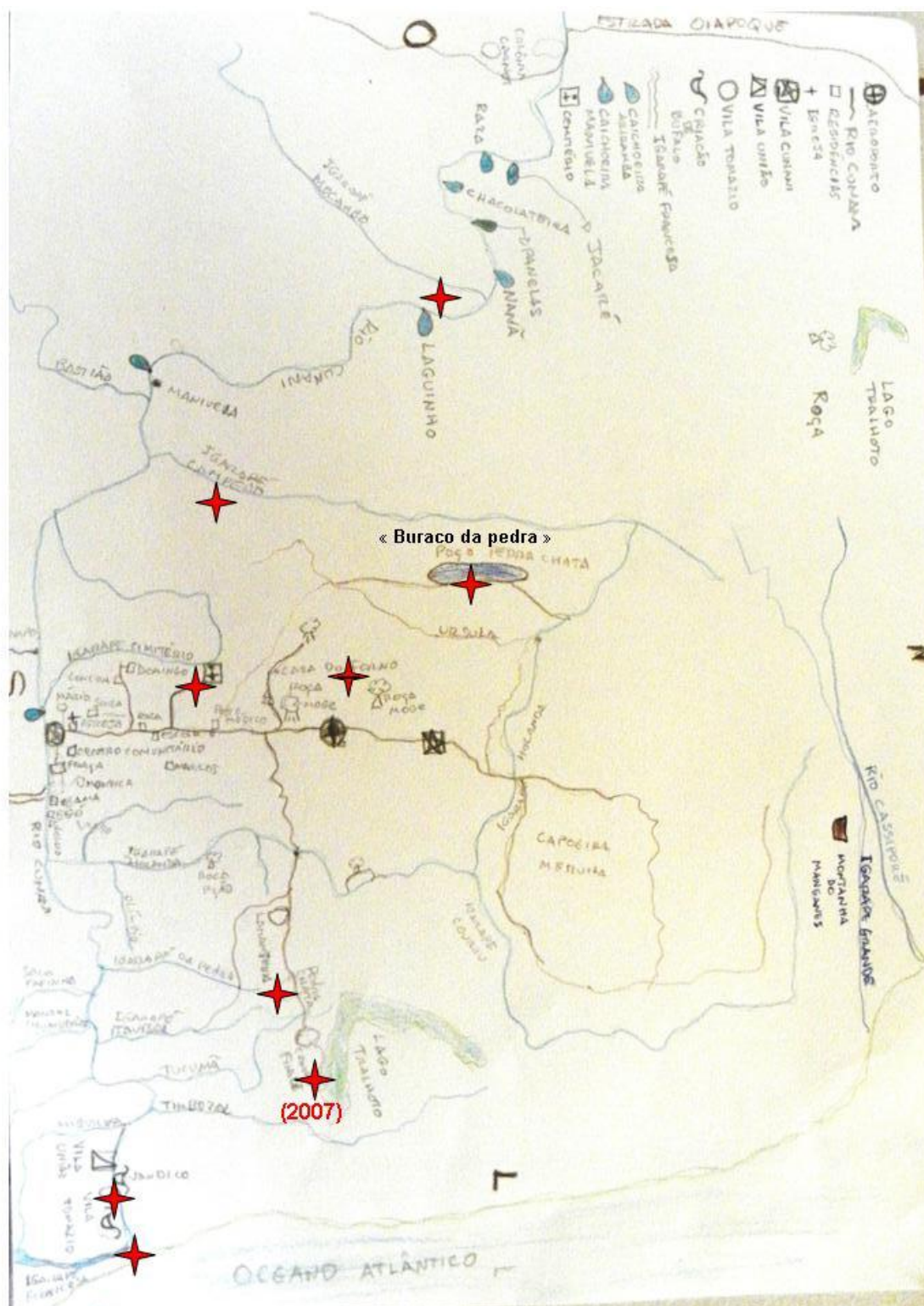
O que diz respeito à instauração da República lhes é estranho, e se assemelha a um discurso referido (a « revolução » que ocorreu na vila de Amapá, onde franceses e brasileiros se defrontaram, é relatada como tendo ocorrido em Cunani).

Os detalhes que surgem espontaneamente nas primeiras entrevistas são: a existência antiga de túneis (em particular sob a igreja, ver **Fig. 3**), as missangas ameríndias, encontradas aqui e acolá durante a infância, os « baianos », qualificados como homens violentos, mesmo com uma presença julgada efêmera; as « mentiras » dos pais, relativas ao túnel sob a igreja e sobre a « corrente » que saía do fundo do rio, sobre cujo conteúdo ninguém sabe nada. São também mencionados os « crioulos » - vindos em busca de ouro – se bem que este termo possa igualmente designar os baianos ou mesmo os habitantes de Cunani; e os « franceses », se bem que este termo possa se referir aos crioulos da Guiana Francesa, assim como « ingleses » designa geralmente os habitantes crioulos da Guiana, e os holandeses, os do Suriname. A ruptura observada se explica de uma parte pelo distanciamento no tempo (depois de três ou quatro gerações é difícil fazer as ligações entre os ancestrais e si próprio), mas sobretudo porque os habitantes atuais provêm de uma migração relativamente recente (começo do século XX), resultante da resolução do Contestado. Uma parte da história familiar deles vai se perder no arquipélago do Bailique ou na ilha do Marajó: Bigó descende de uma crioula de “pele negra brilhante como a de um Saramaká”, que casou-se com um migrante paraense, Benedito Macedo Alves. Edna Cavalcante Nunes, esposa de Bigó, descende de “escravos negros da Bahia”, por parte de seu pai Manoel dos Reis Nunes e de migrantes “vindos para sobreviver”, por parte da mãe, Verônica Alves Cavalcante. Todos os habitantes atuais, ou quase, provêm dessa mistura, resultado do duplo movimento de subida do rio pelos migrantes e de descida do mesmo pelos antigos habitantes. Este fato vem a complicar as filiações, mas esta é precisamente a oportunidade de interessar-nos pela maneira como os espaços geográficos são também portadores e geradores de profundidade temporal.



**10. Vila de Cunani, mapa mental desenhado por Olga, Graca e Juci (detalhe). As casas sao indicadas pelo nome das mulheres que as ocupam.**





**11. Mapa desenhado por João Barros de Lima, professor. As estrelas vermelhas representam os lugares visitados.**



*Liderança e coesão social*

As testemunhas são acordes ao afirmar que não há chefe comunitário. As decisões, segundo elas, são tomadas coletivamente, durante reuniões formais ou informais. Este modo de decisão se reflete na falta de manutenção observada na vila, onde o mato alto se espalha. Percebe-se assim que uma forte solidariedade comunitária, ou seja, uma coesão social, não é obrigatoriamente sinônimo de organização. Ademais, a gestão de projetos comunitários depende de pessoas de fora da comunidade, com todos os azares devidos à malandragem habitual (abuso de confiança, bens sociais, fim da gravação João Gomes DVT\_A011)



**12. O local de reunião informal: árvore e banco, com vista para o rio e a sede do ICMBio.**

Este fenômeno foi observado também em Iratapuru, e merece algumas explicações. Não é possível encontrar em Cunani uma organização formal com representantes eleitos e projetos associativos. Em contrapartida, observam-se processos informais de decisão e de redistribuição, sendo que os membros da comunidade mantêm ligações estreitas e têm por hábito reunir-se para discutir, em diversos momentos do dia. O professor, João Barros, representante da Associação dos Remanescentes do Quilombo de Cunani, exerce esta atividade através da escola e de reuniões com os pais.

Na situação atual, depois da criação do Parque Nacional, a comunidade viu-se ameaçada de expulsão. Por intervenção do INCRA, a identificação e a delimitação do quilombo de Cunani ocorreram apressadamente em 2004, não chegando à etapa de homologação porque faltou o laudo antropológico. O ICMBio encomendou um estudo a José Luís de Brasília, não sobre o caráter real ou não da ascendência quilombola, mas questionando os 36.000 ha (das quais 22.000 ha no PARNA) atribuídos a esta comunidade em declínio.



Os diversos projetos destinados a revitalizar a Vila têm dificuldade a sair do papel: a cooperativa de açaí (o dinheiro das cotas foi desviado pelo gerente), o projeto de turismo de base comunitária em parceria do PARNA com a agência Yatoutatou de Bruno Solignon, encontra dificuldades de acesso (dependente da maré ou do estado da estrada) e pela irregularidade do acolhimento. Segundo os habitantes, a homologação do quilombo seria a oportunidade de melhoramentos em termos de saúde, educação, etc. Estas vantagens parecem um tanto ilusórias, dado o isolamento da Vila e a necessidade de educar as crianças em Calçoene.

### A questão da ascendência quilombola

Como seria de se esperar, a relação dos moradores pelo que diz respeito à sua ascendência quilombola é ambígua. Quando o discurso é formal (forçado), a ascendência negra e/ou escrava é reivindicada. Quando o discurso é mais espontâneo (e, por conseguinte, mais relaxado), a mesma ascendência é eludida ou negada. Podemos citar como exemplo o discurso de Rosa. Quando interrogada sobre o significado de « ser quilombola », sua resposta foi categorica: « **É gente como eu, de cor negra.** ». A conversa segue: « Então quer dizer que vocês descendem desses Baianos que vieram? » « Ora não sei, mas acho que não, porque minha avó veio das ilhas ». Ela explica que de todos os irmãos de sua mãe Maria José, somente Domingos nasceu de cor negra, todos os outros eram como Maria José (ela não define a cor, mas fisicamente eles se parecem às populações geralmente chamadas de caboclas). Domingos teria tido um pai diferente de seus numerosos irmãos e irmãs? Ela ri e diz que a sua avó dizia que não. « E seu avô, de onde vem? » « Ah, não sei de onde ele era [ela tinha dez anos quando ele morreu], **mas ele não era de cor negra, ele era como eu.** »

Aos vinte e sete de outubro de dois mil e quatro, às 10:30 horas, nesta Comunidade Quilombola do Cunani, Município de Calçoene, Estado do Amapá, onde presente se encontram os servidores do INCRA-Amapá: Maria Cristina do Rosário Almeida (Superintendente do INCRA- SR 21), Sueli Gomes Pontes dos Santos (Chefe da Divisão Técnica), Sergio Paulo de Souza Jorge (Engenheiro Agrônomo), Waldenci Moraes (Assistente Técnico), Humberto Moreira (Assessor Técnico), Belarmino Picanço (Motorista), Obedi (Motorista), Reginaldo Cunha (Mecânico), Benedito Motorista), Francisco (Artífice), Raimundo Osmar (Artífice), ao final assinada por força do Decreto-Lei nº 4887/2003, colheu-se o depoimento do Sr.(a) ROSIMEIRE RAMOS MACÊDO, brasileira, Solteira, agricultora, universitária, portador da RG nº 021262-AP, CPF nº 226.648.152- 53, residente na Comunidade, tendo 36 anos de idade; são descendentes de africanos, que trabalhavam na agricultura, seus pais nasceram na Comunidade; Que no local residem 23 famílias: 18 casas e o mesmo (a) têm oito filhos e todos nasceram e se moram nesta Comunidade; As festas hoje comemorativas são: Santa Maria, São Raimundo, São Tomé e São Benedito, dou por encerrado este termo, que lido e achado conforme, assinado juntamente por mim, pelo declarante e pelas testemunhas.

Esta declaração faz parte da instrução do Processo nº 54350.000346/2004-07, que trata da Identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação de terras ocupadas.

Funcionário do INCRA/AP: \_\_\_\_\_

Declarante: Rosimeire Ramos Macêdo

Testemunhas: Ubirajara Silva Nunes  
Marilza Ramos Santos

13. “Termo de declaração que presta Rosimeire Ramos Macêdo” para a obtenção do status de quilombola..

Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler

Para entender a articulação e a aparente contradição do depoimento, deve-se considerar que ele compreende dois registros de discurso. Na frase « quilombola é gente de cor negra, como eu », a palavra « negra » tem uma conotação política; trata-se de um discurso forçado, num contexto de reivindicação fundiária, fundado em critérios étnicos. Já na frase – bem mais espontânea – « meu avô não era de cor negra, era como eu », « negra » remete à cor da pele e ao tipo físico; aqui Rosa exprime as categorias comuns das populações rurais, é a expressão espontânea de seu modo de classificação.

Assim, a auto-identificação dos habitantes é difícil de discernir: se o qualificativo “caboclo” é mencionado com certa regularidade, veremos, no momento de estudar os mapas mentais, que há também uma forte identificação com o rio desde sua foz até pelo menos o assentamento Carnot (a seis horas de barco com motor de popa traseiro).

Outra complexidade: tanto os esforços do INCRA para a delimitação do quilombo, como os do IBAMA/ICMBio para o turismo sustentável dotaram de relevância elementos históricos servindo para justificar a ascendência quilombola (INCRA) e o caráter de importante lugar histórico devido à efêmera República (IBAMA). A paixão do professor João Barros por História também contribuiu para popularizar entre os cunanienses os episódios chave da história do Amapá, construída em torno da figura heróica de Cabralzinho. A história oficial ganha assim progressivamente o discurso dos habitantes, mas não se estabelece o nexo entre suas trajetórias e essa história, apesar das tentativas para fazê-las coincidir (ex: muitos habitantes descrevem a revolta de Cabralzinho e as escaramuças que se seguiram como tendo sido vividas por seus avôs ou avós; como sabemos, isso ocorreu na vila de Amapá).

Frente a estas complexidades de discurso, é o estudo dos lugares que vai permitir-nos fazer emergir esta memória coletiva, pela fixação espacial dos principais episódios.

### **Espaço vivo, espaço de uso**

De maneira espontânea, os limites da comunidade são fixados pelo lago Tralhoto a noroeste, a foz do rio Cunani a leste e Cachoeira Rasa ou Carnot rio acima. Esses lugares designam na verdade o maior raio de ação que um homem pode percorrer a pé ou de canoa, em determinadas ocasiões: o Tralhoto não é acessível na estação das chuvas, as expedições (pesca, lazer) tendo lugar uma vez por ano; a foz é freqüentada na época dos caranguejos e as subidas para Carnot ocorrem quando há festas (por exemplo: 25º aniversário da fundação do assentamento, durante nossa estadia). As expedições de caça são também limitadas em distância pelo desejo, constantemente expresso, de dormir em casa. Assim, são 12 km até o Tralhoto, 25 km até a foz e 45 km até Carnot. Calçoene não está incluída neste espaço, sem dúvida porque se trata de outro centro, onde cada família possui outra moradia. *A leitura de Coudreau indica que a tradição de bi-residência é muito antiga: uma moradia na roça e outra na vila é a estratégia dos cunanienses atestada pelo francês já em 1880.*

O espaço percorrido no dia a dia é mais restrito. Por terra, são cerca de 3 km para chegar às roças quando estas não são acessíveis pelo rio (**Fig. 14, mapa 1**). Além dos trajetos feitos para atingir as roças, os habitantes da vila podem às vezes se aventurar pela mata para cortar uma árvore ou recolher outros produtos, principalmente para fins domésticos (cipós, bréu, ocasionalmente plantas medicinais, etc.: **Tabela 1**). As trilhas que percorrem a mata são pouco ou nada cuidados, sendo a velocidade de um homem a pé limitada a 3 ou 4km/h,

dependendo da densidade da vegetação. Quanto aos campos, continuam a ser queimados anualmente para facilitar a circulação (« limpar »).

Atualmente, as novas roças são implantadas exclusivamente nas capoeiras jovens ou antigas. A abertura mais recente de uma roça numa mata ocorreu há 8 anos, próximo da vila (terreno de João Amâncio, junto à sua plantação de açaí) e há 10/15 anos, no terreno de Bigó (terreno situado fora do PARNA). Todos os informantes interrogados (Luis, João Amâncio, Domingos, Nei, Bigo, Hermógenes) afirmam ainda que suas futuras roças serão limitadas às capoeiras novas ou antigas. O tempo de repouso da terra varia muito: 4/5 anos no mínimo, podendo chegar a 20, 30 ou até 40 anos no caso da reintegração das capoeiras dos pais ou avós no ciclo agrícola.

A escolha de abrir as roças exclusivamente em capoeiras se explica por vários fatores: 1) presença de numerosas capoeiras nas proximidades das casas da vila ou dos retiros (a montante ou jusante do rio), como resultado de antigas atividades agrícolas (as antigas capoeiras, de 40 anos ou mais, são chamadas pelos habitantes de « capoeiras dos avós/bisavós »); 2) como consequência, as clareiras abertas em capoeiras estão mais próximas das casas do que aquelas abertas na mata. As primeiras são privilegiadas pela praticidade, por exemplo, no momento de transportar os sacos de farinha de mandioca das casas de farinha (perto das roças) até a vila; 3) abrir uma clareira numa capoeira é um trabalho menos penoso do que na mata (menos árvores grossas para derrubar); 4) o rápido abandono das parcelas – uma única plantação por ciclo – faz com que não seja necessário investir num pesado trabalho de capinagem numa clareira aberta numa capoeira (onde as ervas daninhas crescem mais rápido e em maior número do que em uma clareira aberta na mata); 5) o livre acesso a grandes áreas de capoeira próximas ao povoado e que não tem proprietário (« terreno sem dono ») favorece a abertura de clareiras nessa vegetação, mesmo por pessoas que já possuam um terreno (caso de João, Domingos ou Luis).

As roças atuais estão situadas num perímetro máximo de 3 km em linha reta ao redor das habitações, sendo que a maioria está próxima da vila (**Fig. 14, mapa 1**, pág. 23). Os moradores chegam às roças a pé quando elas estão em terra alta ou de canoa, quando estão à beira do rio, a montante (caso das roças de Domingos e João Paulo). Uma ou duas roças é aberta por ano e por família. Note-se que as roças atuais são menores que aqueles da época das gerações dos pais e avós, há 50 anos ou mais: 0,2 a 1 hectare, contra 2 a 2,5 hectares. Isso pode-se explicar em parte pelo fato de que a mandioca não é mais comercializada atualmente, ao contrário do que se fazia no passado (custo de transporte atual muito elevado), daí a área atual cultivada ser mais reduzida.

A prática do mutirão para abrir as clareiras perdura, mas mobiliza menos gente que antes (uma dezena no máximo hoje, contra vinte no tempo dos pais de Marilza), além de se limitar a certas tarefas como a roça e a plantação, enquanto o corte de grandes árvores (derruba) é hoje realizado por uma só pessoa com a motosserra e não mais com o machado, coletivamente.

De modo geral, nas quatro últimas gerações, os terrenos explorados pelos cunanienses estão mais próximos da vila, tendo a maioria das famílias abandonado seus terrenos na borda do rio pelos mais próximos da vila, após sua instalação nela nos anos 1950 (com a exceção de Domingos, que depois de alguns anos retornou para explorar o terreno abandonado por seus pais (**Fig.15, mapa 2**)).

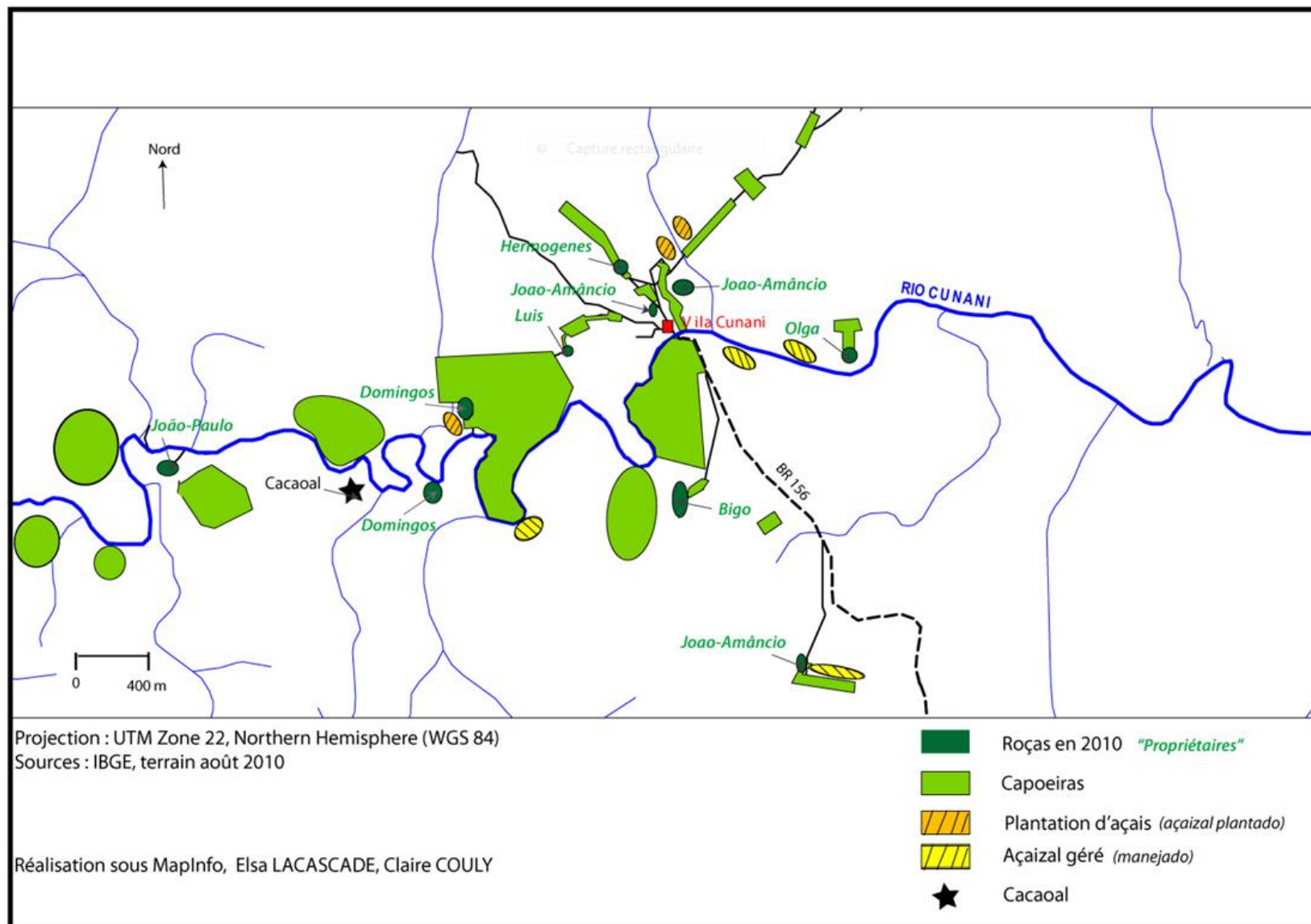
A tendência em geral é de uma só plantação por ciclo e ausência de espécies perenes no meio da mandioca (o que autoriza a reintegração destas parcelas na sequência do ciclo agrícola). Há, entretanto, algumas exceções a essa prática: a antiga clareira de Luis, onde



cupuzeiros e limoeiros foram plantados entre os pés de mandioca, e uma das clareiras de João, onde açaís foram plantados no meio dos pés de mandioca (note-se, entretanto, que na clareira vizinha eles foram plantados apenas depois de feita a colheita da mandioca).

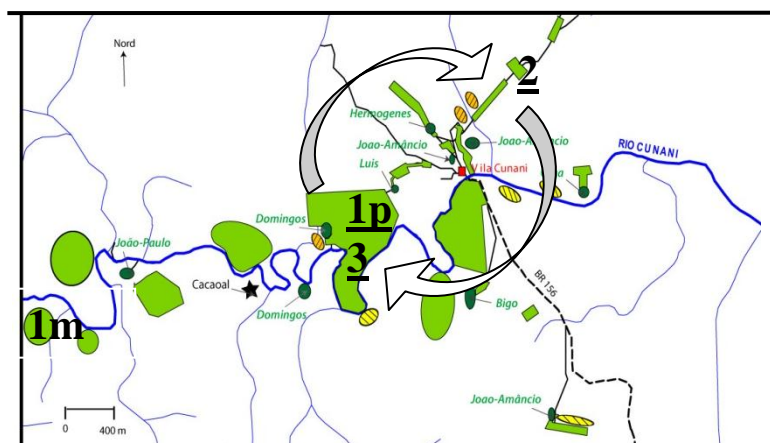
Espécies plantadas nas clareiras, separadas ou não: mandioca, macaxeira, milho, arroz, cara, batata, cana de açúcar (próxima aos igapós), dachina, jerimum, e, raramente, feijão. Nas proximidades, ao lado da casa de farinha, encontram-se espécies perenes plantadas, às vezes também encontradas em alguns jardins, como: pupunheira (*Bactris gasipae*, Arecaceae), cupuzeiro (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schumm), mangueira (*Mangifera indica* L., Anacardiaceae), limoeiro (*Citrus sp.*, Rutaceae), laranjeira (*Citrus sp.*, Rutaceae), jaqueira (*Artocarpus heterophylla* Lam., Moraceae), castanheira do Pará (*Bertholletia excelsa* H.B.K., Lecythidaceae), bacabeira (*Oenocarpus bacaba* Mart., Arecaceae), coqueiro (*Cocos nucifera* L., Arecaceae), cajueiro (*Anacardium occidentale* L., Anacardiaceae), tangerineira (*Citrus reticula* Blanco, Rutaceae), mamoeiro (*Carica papaya* L., Caricaceae), bananeira (*Musa sp.*, Musaceae), entre outras.

É grande a diversidade de ervas daninhas nas roças, desde o primeiro ano, por falta de capinagem : embaúba (*Cecropia spp.* Cecropiaceae), pente de macaco (*Apeiba sp.* Tiliaceae), bico de pato (Heliconiaceae), muni (*Croton sp.*), malva (*Helicteres isora* L., Sterculiaraceae), envira (*Guatteria spp.*, Annonaceae), inajá (*Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude, Arecaceae), parasol (*Cordia spp.*, Boraginaceae), açarana (*Clidemia hirta* L., Melastomataceae), tamanqueira (*Senna mutijua* H. Irwin&Barneby, Fabacea-caesalpinideae) etc. É frequente também a presença de marcadores vegetais para delimitar as clareiras (grandes árvores tiradas das matas ou de capoeiras antigas).



14. Localização das roças e capoeiras recentes e antigas às margens do rio Cunani (pouca precisão dos terrenos a jusante do rio a partir da vila).

Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler



Família do Nei

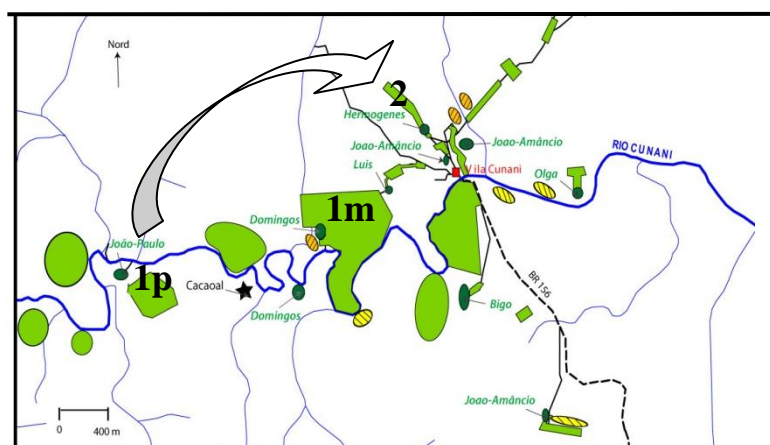
**Legenda :**

**1m** : Lugar de designação própria « Bastião » : terreno dos avos maternos de Nei (filho de Domingos)

**1p** : Terreno dos avos paternos de Nei, antes de 1950 (Tiago Damasceno e Feliesia Ramos Damasceno)

**2** : Instalação dos avos paternos na vila no momento da abertura da escola e ocupação de um novo terreno (abandono do terreno precedente), utilização do terreno por Domingos e Nei.

**3** : reinstalação de Domingos 8 anos depois no antigo terreno de seus pais e abandono das roças situadas perto da vila (usadas somente para a plantação de açaí). Trabalho nas roças junto ao seu filho, Nei. **Rem**: Nei trabalha também nas roças situadas nos terrenos de sua mãe, próximos ao assentamento Carnot.



Família do Hermogenes

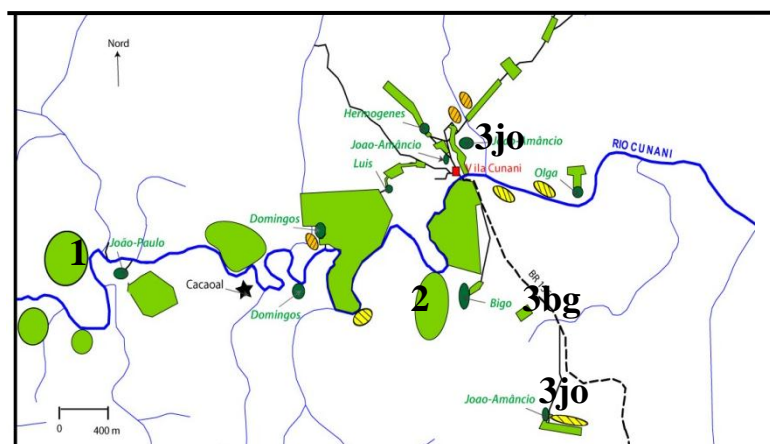
**Legenda :**

**1p** : Avos paternos de Hermogenes (antes de 1950) – lugar de designação própria « Gabriel » (nome do avô). Os pais de Hermogenes, Osiris e Maria José, também trabalharam neste terreno.

**1m** : Avos maternos de Hermogenes, que são também os avos paternos de Nei (Tiago Damasceno et Feliesia Ramos Damasceno)

**2m** : Instalação dos avos paternos de Hermogenes na vila e abandono do terreno rio acima (nenhuma abertura de roça) a partir dos anos 50.

No novo terreno, três gerações têm trabalhado. Presença hoje em dia de « capoeirões dos avós ».



Famille de Bigo e João Amâncio

**Legenda :**

**1** : Terreno dos avos maternos de Bigo e João Amâncio – lugar de designação própria « Macedo ».

**2** : Terreno ocupado pelos pais de Bigo e João A. e abandonado há mais de 15 anos. Lugar de designação própria « Jeronimo ».

**3 bg** : Terreno ocupado por Bigo e sua esposa há 15 anos, herança da tia de Bigo, que, junto ao seu tio, ocupou o terreno por mais de 40 anos.

**3jo** (embaixo): Terreno de João A. e sua esposa Rosa, ocupado há 20 anos. Foi explorado a fins agrícolas por 10 anos antes de ser abandonado por 8/9 anos, enquanto a família privilegiava um terreno mais próximo à vila (onde foram implantados roças e açaizais). O terreno voltou a ser utilizado em 2009 (novas roças e um açaizal).



Entre as espécies vegetais usadas pelos cunanienses (ver Fig. 16, Planilha 1), o açaí é sem dúvida a espécie mais dotada de valor econômico. Praticamente todas as famílias exploram este recurso com fins comerciais. Não existe uma gestão propriamente dita dos açaís selvagens ou nativos (“da natureza”): os moradores não se apropriam dos pés selvagens e o local de colheita não é fixo (“não tem açazal fixo”). As palmeiras consideradas nativas são de livre acesso mesmo se situadas em terrenos próprios (a única exceção encontrada foi Bigo, que pratica a “matança”, ou seja, ele cobra R\$ 10 por cada saco de 50 kg de açaí retirados do açazal de seu terreno ou do terreno de seu irmão, com uma quota máxima de 30 sacos por pessoa) ou à beira-rio. Qualquer morador pode colher os frutos das palmeiras sem limites impostos. Alguns lugares de colheita de açaí nativo são privilegiados, como, por exemplo, o igarapé Água Doce a jusante da vila e o igarapé Itaubal a montante. São necessárias varias horas em piroga para chegar a estes locais.

Certos açazais são “cultivados”, segundo os termos locais e não são considerados da mesma maneira que os selvagens. Fazem parte dos açazais cultivados os açazais plantados e os que não foram plantados, mas são manejados.

No primeiro caso, os pés de açaí são plantados diretamente nas roças, seja entre os pés de mandioca ou depois da colheita. Vários moradores se lançaram na plantação de açaí: Domingos o fez no terreno de seus pais que ele recuperou 8 anos atrás, a montante da vila (200 pés que serão produtivos em 2011, plantados junto com sua sobrinha Rosimeire); João Amâncio (2 roças próximas da vila - 0,6 há e 0,3 há – viraram açazais: 500 pés foram ali plantados e serão produtivos em 2011 e 2012, respectivamente. Estes terrenos foram trabalhados em conjunto por João Amâncio e pelo professor João e os açazais pertencem aos dois).

No segundo caso, trata-se de *açazais naturais manejados*: as palmeiras grandes demais ou velhas demais (cujos frutos são de difícil acesso) são cortadas, deixando mais espaço para as palmeiras produtivas. Vários moradores têm açazais manejados em seus terrenos (é o caso de João em seu terreno situado fora do PARNA, assim como Bigo) ou fora dos terrenos às margens do rio (é o caso de Luis que maneja um açazal natural no lugar de denominação própria “cacoal”, a montante da vila, após o terreno de Domingos).

Nos dois casos (*açazal plantado* ou *açazal natural manejado*), o acesso aos açazais é limitado: os outros moradores não podem colher os frutos sem a autorização prévia do “dono” (“onde tem manejo de açaí, pessoas não entram”).

Também existe o *açazal misturado* quando o açazal é composto tanto de açaís naturais manejados quanto de açaís plantados. Este tipo de açazal foi encontrado no terreno de Domingos mais próximo da vila (as palmeiras serão produtivas em 2011/2012). Este açazal também pertence a sua sobrinha Romilda (esposa do professor João, vive em Calçoene), que o ajudou a plantar os pés. Este exemplo ilustra o fato que alguns açazais pertencem à moradores de Calçoene (caso de Romilda e Meire que compartilham açazais com seu tio Domingos), o que atesta o direito de acesso dos cunanienses habitantes em Calçoene aos recursos naturais do Cunani.

Uma vez as plantações de açaí abandonadas, elas voltam a ser de livre acesso aos outros moradores (é o caso do açazal de Dona Dico, abandonado por 30 anos e atualmente reutilizado por João Amâncio).

A colheita do açaí ocorre de fevereiro a maio/junho. Ela é feita em família com a ajuda freqüente de irmãos, filhos ou sobrinhos que moram em Calçoene. A quantidade colhida varia de acordo com as famílias. Algumas estimações dadas por cada família: 10 sacos de 50 kg por dia em média segundo Luis (repartidos enseguida entre todos os participantes), 30 a 40 sacos por dia segundo Bigo (ele utiliza trabalhadores de fora da comunidade), média de 4 sacos por dia para João Amâncio. Entretanto, a colheita varia bastante de um dia a outro de acordo com as chuvas durante o período de safra.

As distâncias percorridas pelo rio são superiores às terrestres: a montante da vila, chega-se até a cachoeira do Laguinho (ali se pode encontrar peixes de água doce, pois a maré não chega) e ainda mais longe o igarapé do Piquial ou igarapé do Nana (lugar de colheita de sementes de piquia). A jusante, Vila União ou Vila Tomasia parecem ser os limites, pois logo após começam fazendas com criações de gado. A beira-rio identifica-se resquícios de antigas capoeiras (pela presença de mangueiras, bacabeiras, laranjeiras, cacauzeiros e cupuzeiros) que podem ser reintegradas no ciclo agrícola. O recanto Macedo é um exemplo, tendo sido recuperado por Messias, tio de Bigo e morador de Calçoene, para sua instalação logo de sua aposentadoria. Alguns braços de rios (ou as margens destes braços) são também claramente atribuídas a famílias presentes ou passadas (ex. lugar de denominação própria “Bastião”).

Uma das questões pertinentes, em termos de espaço vivido e espaço de uso, é o fato dos saberes locais se basearem principalmente nos espaços terrestres ou nos espaços fluviais. A primeira vista, pareceria que os cunanienses mantinham uma relação ao rio menos intensa que seus vizinhos do rio Uaçá ou do rio Cassiporé, e isto por várias razões: na Vila do Cunani somente os homens sabem fabricar as pirogas; as cachoeiras são sistematicamente atravessadas a pé (ao contrário dos moradores de Iratapuru, por exemplo); o emprego de pescador profissional não parece ser muito valorizado (João Amâncio reclamando de ter sido tratado de “pescador” por um deputado); as roças nem sempre são abertas às margens do rio e elas são frequentemente acessíveis a pé. Mas esta hipótese não se mantém, dado os resultados da análise dos mapas mentais.

Impacto sobre o meio ambiente: a priori fraco (houve somente duas expedições de caça – foram abatidos um pecari e um veado - durante duas semanas). A abundância de peixe não incita os moradores a estocar comida em forma de animais vivos (ex. tracajá, jabuti, iguana) ou congelados (ausência de congeladores). O impacto supõe-se maior em período de festas, mas não dispomos de dados suficientes para negar ou confirmar esta suposição. A impressão dada é que a falta de comida não é motivo de preocupação para os cunanienses, ao contrário do que se pôde observar em Kumarumã e nas aldeias karipuna do Curipi.

Atividades	Usos	Participantes	Lugares	Regras locais de acesso
<b>Extrativismo na floresta</b>				
Cipós ( <i>açul, titica..</i> )	Art/Constr.	Homens principalmente	Capoeira mas sobretudo na mata	Não tem regra particular de manejo dentro da comunidade (ou seja, não existe quota de exploração)
Plantas medicinais (ex: <i>casca de batatão, anoeira, verônica..</i> )	Md.	Grupos de mulheres (medo de andar sozinha na mata) ou homens sozinhos (mas poucas plantas medicinais são tiradas hoje em dia)	Capoeiras e matas vizinhas /varzea/ igapona beira do rio	Não tem regra particular de manejo dentro da comunidade (ou seja, não existe quota de exploração)
Lenha <i>pau de remo, anoeira, macucu, ingá</i> etc.)	Ln	Homens e mulheres	Roças e capoeira	Não tem regra particular de manejo dentro da comunidade (ou seja, não existe quota de exploração)
Madeira pela construção	Constr.	Homens	Na mata principalmente ( <i>quariquara,apa, sapupira, cupiuba, andiroba, etc. </i> )	Não tem regra particular de manejo dentro da comunidade (ou seja, não existe quota de exploração)
Cacao	Al	Homens, mulheres, crianças	No lugar “cacoal” (localizado a 1 hora de rabeta mais acima no rio: se encontram muitos pés de cacauzeiros nativos) + nos quintais quando os cacauzeiros foram plantados	Acesso livre (não existe quota de exploração)
<i>Buriti</i>	Al	Homens e mulheres	Campo buritizal (na mata campestre)	
<i>Abacateiro</i>	Al			Acesso livre
<i>Tapareba</i>	Al			Acesso livre
<i>Castanheira do Pará</i>	Al	Mulheres, homens e crianças (em grupos e com a rabeta)	Igarapé Campião onde tem uma grande castanheira que foi plantada há mais de 50 anos por um morador da comunidade	Acesso livre

**16. Tabela 1 – Extrativismo, caça e pesca em Cunani. Legenda (coluna dos Usos): Al: Alimentação, Art: Artesanato, Md: Medicina, Ln: Lenha, Constr: Construção, Tec: Técnica, Comm: Comercio.**

Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler

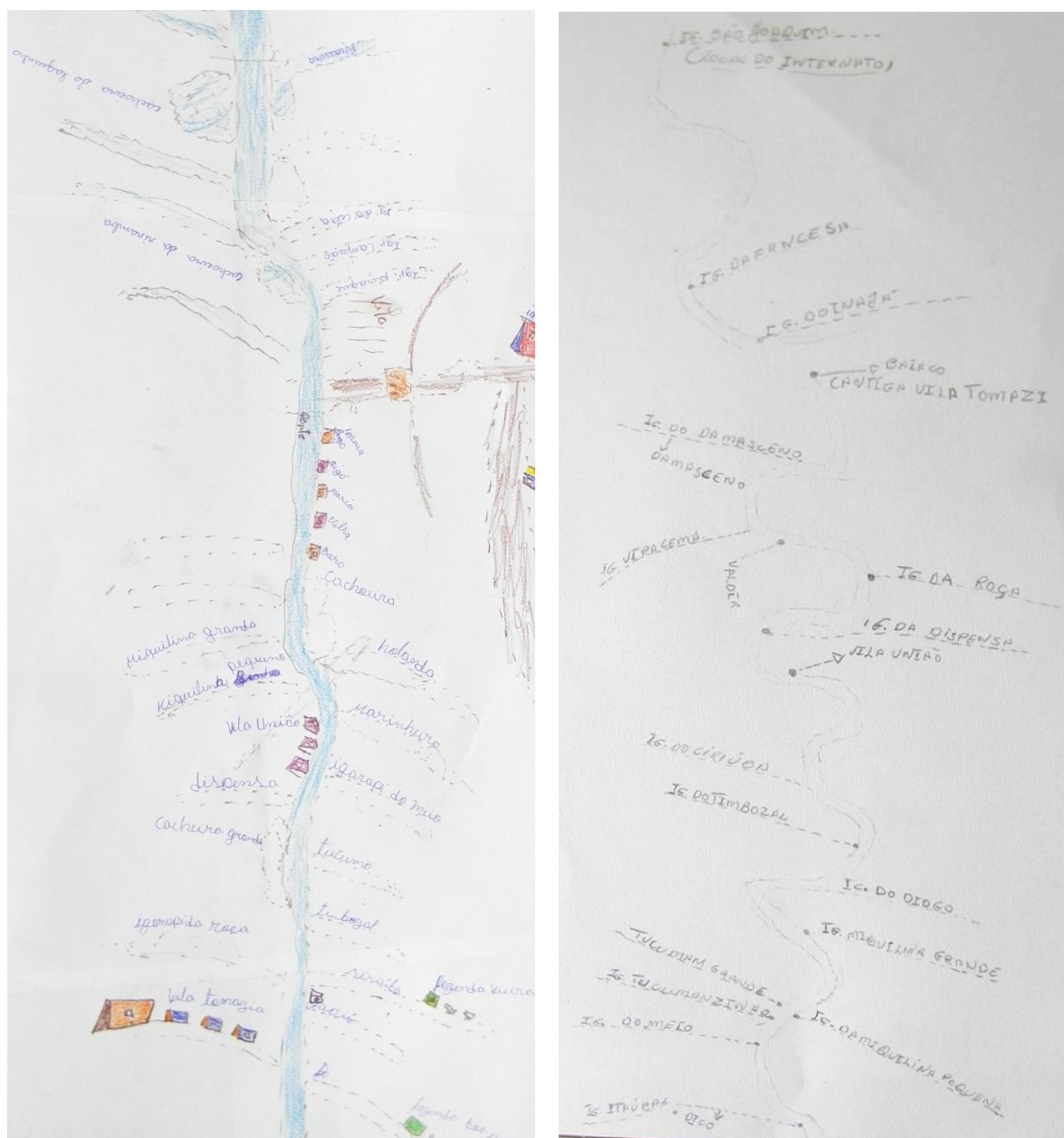


Atividades	Usos	Participantes	Lugares	Regras locais de acesso
<b>Extrativismo na floresta (seguinte)</b>				
<i>Piquia</i>	Al	Homens, mulheres, crianças	Na vila, tem uma árvore plantada onde a maioria das pessoas vão pegar as frutas. Com menos frequência, vão tirar no iguarapé piquiazal (também chamado iguarapé nana) mais acima no rio.	Acesso livre
<i>Fruta do ingá</i>	Al	Homens e mulheres	Mata	Acesso livre
<i>Fruta do inajá</i>	Al	Homens e mulheres	campo	Acesso livre
<i>Fruta do mirizeiro</i>	Al	Homens e mulheres	Mata	Acesso livre
<i>Sementes de açai</i>	Art	Homens e mulheres	açaizal	Acesso livre
<i>Semenets de paxiúba</i>	Art	Homens e mulheres	Mata	Acesso livre
<i>Sementes de tenteiro</i>	Art	Homens e mulheres	Capoeira/mata	Acesso livre
Açaí	Al/Com	Quase todas as famílias morando na comunidade tiram açais, com a ajuda muitas vezes de parentes (filhos, irmãos...) morando em Calçoene - eles voltam os finais de semana para participar à safra. Pessoas de fora da comunidade (e que não são parentes) vêm também.	Açaizais nas beiras do rio (“açaizais da natureza”) e aqueles manejados ou plantados (“açaizais cultivados”)	Acesso livre aos açáizais naturais enquanto o acesso aos açáizais cultivados é limitado. Prática da “matança” por alguns moradores (ou seja, pedem uma taxa sobre cada saco de açai tirado pelas pessoas de fora). Aluga dos açáizais de alguns moradores a pe
Sementes de andiroba (uso domestico mas também venda de vez em quando)	Md	Mulheres, acompanhadas de vez em quando dos homens. Em media, uma familia tira 4 sacos de 50 kg/ano ou seja 20-30 L/ano de 20 RS/L)	Beira do rio/mata/capeoira.	Acesso livre
Breu (venda de vez em quando)	Tec./com	Principalmente os homens; de vez em quando grupos de mulheres	<i>Breuzal</i> na capoeira et mata	Acesso livre

Atividades	Usos	Participantes	Lugares	Regras locais de acesso
<b>Pesca</b>				
Pesca no rio	Al	Homens (com a tarafa) e mulheres (pescam com a linha, poucas usam a tarafa).	Peixes consumidos: traira, pescada, bagre, piramutabo... Diferentes lugares do rio são freqüentados conforme aos tipos de peixes procurados e à época do ano. No verão, alguns peixes subem o rio para fugir a a gua salgada : so podem ser pescados encima da	Acesso livre, não tem quota de pesca dentro da comunidade
Pesca no lago tralhoto (12 km dentro da mata)	Al		No verão somente: tucunaré, cara, apêari	Acesso livre, não tem quota de pesca dentro da comunidade
Pesca nos poços dos iguarapés (ex: jijú)	Al	Homens e mulheres	No verão somente. Escolha do lugar conforme à “qualidade” do igarapé (ou seja, os tipos de peixes que podem ser pescados): igarapé Olanda, Igarapé Viviana (1 hora caminhando) + Poço da Dovina (2 h caminhando)	Acesso livre, não tem quota de pesca dentro da comunidade
Pesca dos caranguejos	Al/Com	Homens e mulheres	Boca do mar, no mangueizal, na beira esquerda do rio	Não tem regra particular dentro da comunidade, mas existe um problema com pessoas de fora que vêm tirar caranguejos para vender (na beira direita do rio, fora do Parna). Preço de venda: 10 \$R/ os 8 em Calçoene, 10 \$R /os 3 em Macapá
<b>Caça</b>	Al	Homens exclusivamente	Fora da Montanhan do buraco que é um lugar privilegiado para caçar no campo, não existem lugares específicos para caçar: pode ser na capoeira, na mata, no campo. A escolha do lugar e do periodo para caçar é conforme ao tipo de çaca procurada.	Acesso livre, não tem quota de caça dentro da comunidade

Abacateiro	Biribau	Graviola
Abiuzeiro	Cafezeiro	Jambueiro
Açaí	Cajueiro	Mamoeiro
Acerola	Carambola	Mangueira
Bacabeira	Coqueiro	Pimenteiro
*Bananeira	Cupuzeiro	Urucu
Cacaueiro	Goiaba	Vinagreira

**17. Tabela 2. Espécies plantadas nos jardins e proximo das casas de farinha**  
(arvores/arbustos/palmeiras et ervas\*) cujos frutos são colhidos para a alimentação (inventario feito a partir de 4 jardins e 6 roças)



**18. Mapa inicial (120 x 40), detalhe (desenhado por Olga, Rosa, Cristiane, Graça, Juci e Celeste) e mapa (120 x 40), detalhe (desenhado por Nei, Edna, Luis e Velha).**

Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler



*Apresentação e análise dos mapas mentais obtidos*

Os mapas mentais não foram obtidos de maneira espontânea. Apesar de sua preocupação pela perda dos saberes locais e da disponibilidade do material, nenhuma tentativa de reprodução visual do território foi feita pelos interessados. Foi organizado então um ateliê na escola, com a ajuda do professor João. Toda a comunidade, adultos, jovens e crianças, foi convocada. Os participantes chegaram pouco a pouco (principalmente mulheres; somente dois dos seis homens disponíveis apareceram).

A introdução ao ateliê foi feita segundo o protocolo: evocaram-se a perda dos saberes, o êxodo progressivo dos pais, a necessidade de acesso das crianças aos saberes territoriais, as informações que os « antigos » julgavam de grande importância transmitir. Olga foi uma das participantes que mais se investiu na realização dos mapas mentais. Quando interrogada sobre a razão pela qual nem as roças nem a mata haviam sido representadas no mapa, ela evocou a falta de tempo e de papel. Assim, um grupo de mulheres decidiu recomeçar o trabalho (desta vez no jardim de Juci) e criar um mapa mais completo sobre 2 folhas de papel Kraft fornecidas por Nei.



**19. Ateliê na escola de Cunani, dia 27 de agosto de 2010.**



20. Mapa grande desenhado no dia 27 de agosto de 2010 por Olga, Graca e Jucilene. Formato 200x80 cm.



Como na grande maioria dos mapas obtidos, o rio Cunani é representado exatamente no centro, formando o eixo estrutural do mapa, ao invés de figurar ligeiramente à esquerda, o que deixaria um espaço maior para desenhar a Vila, a pista de aterrisagem e a grande maioria das roças (lembramos que a margem sul do rio Cunani é pouco utilizada pelos moradores). A partir da análise dos mapas mentais, podemos concluir que a representação simbólica do espaço para os cunanienses baseia-se na extensão do rio. Podemos mesmo dizer que as moradias humanas se « dobram » literalmente a esta exigência, se tomarmos em conta as representações gráficas da vila do Cunani em forma de rua curva.

O mapa da conta da extensão quase total do rio Cunani (90 km), pois figuram tanto a foz do rio (onde se apercebe o único personagem antropomorfo, o roceiro da fazenda) quanto o assentamento Carnot. Este último é representado por cinco grandes casas, todas idênticas, separadas por jardins. O que mais chama a atenção é a ausência da cidade de Calçoene, assim como a mata e as roças. Ora, Carnot pode ser considerada uma aglomeração secundária em comparação à Calçoene, onde a proporção de cunanienses é bastante maior.

Podemos avançar a proposta seguinte: os habitantes de Cunani sentem-se intimamente ligados ao rio Cunani. Assim, eles poderiam ser considerados como uma população ribeirinha, para a qual a dispersão dos lares é compensada pela circulação permanente e uma quantidade importante de festas (Espírito Santo, Santa Maria, São Raimundo, São Benedito, Trindade, etc.) proporcionando a possibilidade de reuniões, encontros e casamentos.

Segundo Valviki Chagas, um terço da população de Calçoene é cunaniense. Esta estimativa pareceria um pouco exagerada se não fosse levado em consideração o fato de que são considerados « filhos do Cunani » também os filhos de cunanienses nascidos em Calçoene. Assim, por mais que a maior parte dos cunanienses resida e/ou possuam uma casa secundária em Calçoene, não podemos afirmar que a cidade é percebida como uma extensão natural do Cunani.

### **Perspectivas possíveis**

Os agentes do ICMBio foram claros : o statu quo, em termos de política de conservação, é favorável. Tanto as incertezas ligadas à delimitação final do quilombo quanto o estado deplorável do ramal Calçoene-Cunani funcionam como obstáculos às invasões, colonizações, expedições de caça e de pesca vindas do exterior do PARNA. Estes dois obstáculos não dependem do ICMBio : a delimitação depende do INCRA (cujas ações precipitadas, em 2004, travaram o processo) e a manutenção do ramal depende da Prefeitura de Calçoene. Apesar do grande número de cunanienses morando na cidade, estes não conseguem exercer coletivamente uma pressão suficiente para que os seus interesses sejam levados em conta pelos representantes políticos.

### Caracterização cultural e manutenção da tradição

No que toca à coesão comunitária e ao vínculo entre os residentes de Calçoene e os residentes de Cunani, um detalhe interessante nos foi transmitido por Rosa: há três anos que a Secretaria Especial para as Minorias do Amapá oferece uma ajuda de custo de R\$ 5.000 para a organização da festa de Santa Maria (15 de agosto). Este ano a subvenção não foi depositada e a festa foi atrasada do dia 15 ao dia 18 de agosto e logo do dia 28 de agosto ao dia 3 de setembro (não sabemos se ela ocorreu de fato). Ora, esta festa é (ou era) a ocasião para estreitar os laços sociais entre os residentes e os ex-residentes de Cunani: a santa festeira passava de casa em casa em Calçoene e os moradores doavam manteiga, ovos, farinha e outros ingredientes necessários para a confecção dos pratos e bolos vendidos em leilão no dia da festa, em Cunani. Parece que a perspectiva de uma subvenção tenha interrompido esta

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*



tradição e que os habitantes de Calçoene não se sentiriam mais no dever de contribuir à festa, uma vez que agora ela é financiada. A política estadual, visando manter as tradições locais a todo custo e através de políticas intervencionistas, pode chegar a despojá-las de seu sentido original e pode causar, no melhor dos casos, uma folclorização e, no pior, o abandono total da tradição no caso de uma interrupção da subvenção.

Um outro exemplo interessante é o caso do pedido de financiamento de um novo centro comunitário que serviria de lugar de reunião e também de reivindicação cultural. O professor João, residente em Cunani há treze anos, tornou-se líder da Associação dos Remanescentes do Quilombo do Cunani. Assim, ele cuida da comunicação entre a Secretaria Especial para as Minorias do Amapá, as ONGs locais ligadas à questão quilombola e a comunidade. João revelou que durante o seu mandato ele havia obtido (fora um caminhão de transporte e uma casa de forno) o financiamento de um novo centro comunitário em forma de maloca, a ser contruído ao lado da igreja. O preço da construção é de R\$ 150.000 (já liberados). Sem querer julgar a gestão de João, podemos fazer dois comentários: o primeiro é a necessidade com a qual se deparam os responsáveis da associação de pedir coisas concretas – por falta de imaginação, acaba sempre por ser um centro comunitário; em segundo lugar, podemos comentar sobre a escolha da maloca de tradição indígena que neste contexto marcaria a diferença cultural entre Cunani e seus arredores. Ao mesmo tempo, a instalação de uma construção deste estilo ao lado da igreja poderia descaracterizar a rua principal, construída no modelo da aldeia jesuíta.

Enfim, o programa “Minha Casa, Minha Vida”, lançado pelo governo federal em 2009, poderia vir a terminar de vez com a antiga Vila, substituindo as casas de madeira tradicionais por casas de alvenaria, todas indênticas.

### Perspectivas econômicas

Em termos de perspectivas econômicas, a comunidade se enfrenta a duas oportunidades:

A primeira é a possível implementação de um projeto de turismo de base comunitária ligado ao programa Tartaruga Imbricata. As primeiras iniciativas ligadas a um projeto deste gênero não deram frutos e a grande maioria da população parece ter se desinvestido da questão, com a exceção de Rosimeire, grande defensora da criação de tal projeto e integrante da missão organizada pelo IBAMA em Roura. Segundo Bruno Soligon, a vinda de turistas à Cunani torna-se complicada por três razões: a dificuldade de acesso, o baixo interesse turístico (em comparação com outros lugares) e o comportamento dos moradores.

- Dificil acesso: o acesso por via marítima depende fortemente dos horários de maré; por via fluvial a descida em caiaque seria demorada demais para ser viável; por via terrestre, o acesso depende da condição do ramal e das chuvas.

- Interesse turístico: segundo Solignon, a Vila é pitoresca, mas a única verdadeira atração é a Igreja, modesta. Os rastros da República já não existem e seria necessário reconstituí-los.

- Comportamento dos moradores: ainda segundo Soligon, durante uma primeira visita experimental efetuada na época de colheita do açaí (entre fevereiro e junho), os moradores apareceram bêbados para a recepção dos turistas. Por nosso lado, nós não nos deparamos com tal comportamento.

A outra perspectiva seria a de uma cooperativa de extração de açaí. De alguns anos para cá, o açaí é considerado como o “ouro negro”: o preço do saco praticamente dobrou em três anos, contabilizando as variações de preço entre o começo e o fim da colheita, em função da oferta. Os sacos de 50 kg são vendidos no local entre 50 e 60 reais, logo revendidos em Calçoene por 170 reais e ainda mais caros em Macapá (entrevista Lima da RURAP).

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*

Porém, a mão de obra necessária à recolta foi redimensionada pelo entusiasmo internacional suscitado pelo açaí nos últimos anos. Alguns habitantes recorrem aos filhos e outros parentes próximos residindo em Calçoene durante a recolta. Outros (é o caso de Bigo) contratam mão de obra estrangeira à comunidade, remunerada ao saco. Ainda outros, como Célio, vivem hoje em Calçoene e guardam pouco vínculo com Cunani, arrendam seus açais aos atravessadores, que se encarregam da recolta e do transporte. Um dos principais transportadores é Lídio, graças ao seu poderoso 4x4. Residente em Calçoene, Lídio tornou-se proprietário de uma extensão de terra rica em açais na margem sul do rio Cunani. Assim, ele controla uma parte da produção e uma parte do transporte, desempenhando um papel chave para a fixação dos preços.

A decisão de criar uma cooperativa corresponde à vontade dos cunanienses de prescindir dos intermediários e assim poder negociar preços mais vantajosos sobre o açaí bruto. Lembremos que o açaí deve ser transformado nos três dias que seguem a recolta para conservar suas qualidades. Como os principais transformadores (compradores do açaí bruto) se encontram em Macapá, a idéia é vender a produção diretamente a tais compradores, que se encarregariam eles mesmos do transporte.

Uma primeira tentativa deste gênero (ao menos 5 anos atrás) fracassou por causa do desvio das cotas pelo gerente. Uma nova tentativa apoiada principalmente por Domingos e seu filho Nei poderia enfrentar-se ao mesmo tipo de problema caso não for encontrada uma pessoa de confiança para a administração. Rosimeire parece ser uma pessoa indicada, mas ela parece investir-se mais na questão do turismo.

O sucesso de uma cooperativa tal, bem que benéfico à população em termos de desenvolvimento econômico, traria um problema da mesma ordem do que foi encontrado em Iratapuru: a justaposição de uma associação de moradores vinculados cultural e geograficamente e de uma associação comercial fundada sob interesses econômicos. Uma justaposição deste tipo vem acompanhada de problemas administrativos e de afiliação, já que um indivíduo pode ser membro da cooperativa e não da comunidade e vice-versa.

### Perspectivas para o futuro

Supondo que a situação atual em relação ao PARNA perdure (ou seja, que a vila não seja realocada para a margem sul do rio, por exemplo), podemos levantar as seguintes hipóteses para o futuro:

- Todos os projetos econômicos fracassam, o declínio da vila segue até a extinção total ou a vila se transforma em pequena implantação familiar de tipo sítio.
- Os projetos econômicos têm sucesso e dão lugar à uma fase mais delicada de ajuste aos interesses econômicos, necessitando rigor e constância na produção. Os modos de decisão tradicionais são substituídos por uma direção mais formal, encarregada, por exemplo, da administração da cooperativa.
- O quilombo é homologado e começa então um processo de invenção da tradição induzido pela folklorização. A Secretaria para as Minorias, pilotando a distância as manifestações culturais, exerce uma influência no sentido de uma maior “africanização”; o movimento turístico provocado pela instituição de manifestações culturais provoca o retorno de certos habitantes de Calçoene à Vila, trabalhando como intermitentes. As crianças continuam suas escolarizações em Calçoene.

As perspectivas esboçadas acima são baseadas na experiência de diversos terrenos (Monte Pascoal, BA; Ti Uaçá, AP, RDS Iratapuru, AP; Mamirauá, AM; Ouro Preto do Oeste, RO) e não limitam de modo algum a totalidade das possíveis.

## Cronologia

Data ou período	História regional	História local	Tradição oral	Fonte bibliográfica
Período ameríndio (fase Aristé) Pré e Pós colombiano		Índios desconhecidos (provavelmente aruak) cavam tumulos em forma de bota.	Missangas e túneis	Goeldi et al.
1817	Tratado de Utrecht	Definea fronteira Guiana Francesa/Grao Para no rio Oiapoque		Coudreau 1889
Séc. XVII e XVIII 1777	Jesuítas franceses criam Cunani (1777) e Macari (1781) para abrigar indígenas. As missoes sao extintas em 1791 (após revolução francesa)	Fundação Gouanany 1777 Plantação Cacau		Francinete p.53 Touchet  Coudreau 1886-1887 p.59
1822	Império			
1841		Colonização oficial bloqueada até a resolução do conflito		Coudreau 1886-1887
1848-1888	Abolição da escravatura na França em 1848, até abolição brasileira em 1888	A abolição na França motivou fuga de muitos escravos brasileiros, entre os quais Trajano 1870?, ja que o tratado de restituição reciproca era caduco A regioa do Cunani se povoa de mocambistas, o que provoca conflitos com os brasileiros, por exemplo em 1884 (motim provocado por Vasconcellos)	Período dos Baianos ? → “ponta ou canto Benvenuto” “Vieram de barco pelo rio Cassiporé, vararam até aqui pelo ramal. Estupravam, brigavam” Dona Mandica: vieram de barco pelo rio Cunani. <i>Não sabemos se esses baianos eram fugitivos ou homens a serviço dos donos de escravos.</i>	Coudreau 1889, p.401-403  Francinete p.70 (sobre Trajano)  Francinete p.57, cit. Du Réau
1858		Nova fundação do Cunani pelo vice-consul da França no Para (Belém), Prosper Chaton, para servir de base aos garimpeiros		Plano de manejo Ibama p.46 citando Sarney e Costa
1884	Missoes científicas lançadas pela França e pelo Brasil. Coudreau é membro dessas expedições.	- Viagem e excavações de Coudreau: descobre túmulo debaixo igreja, coberto por laje granítica.	“Tinha um tunel debaixo da Igreja” (Olga, Bigó, Domingos, Edna), “com uma laje cheia de inscrições em latim” (Bigó,	Goeldi (sobre Coudreau) Francinete p.64-65 Coudreau 1886-1887 p.387 sq. Coudreau 1889 p.401-403

Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler



*Programme USART – Financement Agence Nationale de la Recherche*

		<p>- Segundo Coudreau, em 1886, 300 moradores na vila, três comércios, importações diretas da Europa, 600 habitantes em volta da Vila, tendo duas casas. Os principais são Trajano, Demas, Vasconcellos (negociantes) e Guignes (aventureiro)</p> <p>- Provável origem do cemitério sem nome, atrás da igreja, com jazigos de concreto e alvenaria.</p>	Edna), “ninguém sabe se era suspiro de cobra ou túnel mesmo” (Domingos),	Gros 1887 p.210-222 (citando Coudreau)
1885-1888	“República do Cunani”	Ex-escravo, capitão Trajano, quer passar sob autoridade francesa.		Francinete Coudreau Sarney e Costa
1893	GF define “placers” (lotes de garimpo) na região de Calçoene. Aventureiros da Guiana Francesa, Suriname, Guiana e Antilhas invadem a região, provocando perturbações. Perto de 8000 pessoas vindas do Norte		Episódios de violência relatados pelos moradores?	Francinete p.67-68// 95-97
1895	Eventos de Amapá, prisão de Trajano (testemunhos: José da Luz e Mme Coudreau??), triumvirato de Cabral. Os brasileiros começam expedições exercendo violência nas vilas não brasileiras, esp. Indígenas. Cabral incentiva migrações do sul: Para e até Piauí.	Expedição arqueológica Goeldi et al. Descobrem dois túmulos. no monte Corro, com vasos funerários. Naquela época, a vila teria 300 moradores. Novo prefeito: José da Luz Sereja. Passou do lado brasileiro, rebatizou um conjunto de carbet alugados de “francesa” para “boa esperança” (ver mapa Igarapés) Vasconcellos é prefeito de Calçoene, mas sua família morta por vingança (por ele ter	<p>“O túnel desembocava no Monte Corro” (Domingos, Bigó)</p> <p>Osiris: meu bisavô José da Luz viu os franceses (???)</p>	Goeldi, 1900 Goeldi, relatório, in relatório José Luis Sarney e Costa, p.133 sq. (bem detalhado) Francinete p. 119; 123-124; 127

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*

*Programme USART – Financement Agence Nationale de la Recherche*

		sido cúmplice na arresitação de Trajano)		
1897-1900	Criação comissão mista de administração para pacificar a região, cheia de aventureiros de toda origem.	Delegação francesa dirigida por Drujon, com <b>45 atiradores senegaleses</b> e índios palikur. Os senegaleses e os palikur morrem de beriberi, varíola e malária	Origem do cemitério Senegaló (chamado de Cantagalo por Olga)	Francinete p.166-167; 170; 177; 181; 185; 205
1900-1945	Resolução contestada a favor do Brasil. Início colonização Amapá acima do Araguari. Os garimpeiros brasileiros, entre outros o famoso Lourenço, assumem controle na região.	Provável origem da Fazenda Barbosa, na Foz do Cunani? Provável criação do Internato São Joaquim? Início imigração “das Ilhas” (Bailique, Soure, Marajó, Vigia)	“Barbosa vinha de Marajó, tinha outra fazenda lá. Além disso, tinha submarinho e traficava com os Alemães” (Bigó)	Francinete p.95-97
1900 (data arbitrária) até 1974		Durante esse período, o comércio marítimo e fluvial provoca trocas intensas no percurso Belém-Caiena. Implantação provável de fazendas ao longo da costa, para exportação de gado em pé.	Período dos marreteiros, comerciando de Belém até Caiena (até 1973, segundo Edna). Os moradores do Cunani vivem do comércio - de penas (garças e guará) - peles (jacaré, onça, onça maracaja, ariranha – caça praticada por Domingos e Bigó), gordura e carne de peixe boi. - trocam também breú, farinha, feijão, cacau, café, jerimum com os marreteiros. - Existe também uma serraria em Vila Velha (pai do Domingos trabalhou lá) - Usina de extração de pau-rosa em Calçoene? (verificar data e fonte)	
1939		Data sugerida para criação da Escola da Vila de Cunani. Fonte?		Fonte?
1943 (13 setembro)	Criação TF Amapá pelo Capitão	Data alternativa de criação da	Barbosa manda vir empregados	

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*

*Programme USART – Financement Agence Nationale de la Recherche*

	Janary Gentil Nunes (governador de 1944 a 1955, frère de Coaracy) (en 1956 devient président de la Petrobras. 1962, élu député fédéral de l'amapa) Son successeur crée dix écoles dans l'intérieur	Fazenda Barbosa (por Enéias) e do <b>internato</b> (por Raul e Estelita, vindos de Belém, ligados a Enéias Barbosa)	do Marajó, funda escola, oferece terreno (Reduzio) à empregada (ou afilhada) Tomázia (Fonte Ubirajara)	
1960		Data provável do fechamento do internato (os parentes de Souza e outros estudaram lá) - Atividade econômica: extração de madeira (Vila Velha), esp.Pau Rosa (Calçoene); peles de felinos e répteis.	Data sugerida por Marilza para Fundação da Escola na Vila, o que teria levado ao agrupamento das famílias até então espalhadas ao longo do Rio Cunani	Moradores (Domingos, Bigó, V.doc Calçoene)
1970-1980	Abertura da BR156 Isso afeta profundamente a dinâmica territorial do Norte do Amapá. Crescimento do município do Oiapoque, declínio do comércio marítimo e fluvial, doravante orientado para a pesca marítima e de estuário	Declínio geral das vilas enclavadas como Vila Velha ou Cunani. Muitas trocas tradicionais – especialmente de Vila Velha com os Índios de Kumarumã – são desativadas. Os Índios se organizam, se focalizam sobre o território Uaçá e reorganizam o comércio de canoas, farinha, etc, em direção da cidade do Oiapoque. Os Galibi Marworno constroem seu primeiro barco de transporte em 1978. A aliança com a FUNAI leva a desprezar os ribeirinhos que não se reconhecem como índios (esp. Vila Velha)	A população do Cunani começa a diminuir, por causa da escola: a partir da 5ª série, as crianças vão para Calçoene. O fim do comércio de pele (Convenção de Washington - CITES) afeta a economia local.	V. Relatorio FK/IBAMA
1980	Criação PARNA Cabo Orange. Os efeitos sobre a circulação de pescadores serão progressivos	Taperebá, Cunani e Vila Velha encontram-se enclavadas e sem recursos. Começa então o processo de	Hermogenes vai trabalhar nos garimpos de Lourenço.	Kohler (2007), ICMBio, palavras de moradores.

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*

*Programme USART – Financement Agence Nationale de la Recherche*

		busca de alianças institucionais (INCRA, FUNAI) para criar um contrapeso ao IBAMA.		
1985	Criação assentamento Carnot. Navegável até Cunani (6 horas a remo)	Esse período (de 1975 a 2000) é provavelmente o pior que viveu a gente do Cunani, sem outra alternativa senão produzir farinha e vendê-la em Calçoene passando pelo igarapé água doce.		Palavras de moradores
1987		Abertura ramal Cunani-Calçoene. O custo do frete, esp. Período de Chuvas, torna impossível qualquer benefício.		Palavras de moradores
2000 (aprox.)		Início da era do açaí como recurso. (já muito usado para consumo próprio)		
2004	O INCRA decide lançar processo reconhecimento quilombo, com muita celeridade, baseando-se na “gleba Cunani”, terra devoluta parcialmente sobreposta ao PARNA.	A associação dos moradores e agricultores de Cunani se transforma em “Associação dos remanescentes do quilombo do Cunani”. Os moradores e membros da associação assinam documento declarando origem escrava.		Documentação INCRA
2005 em diante	- O açaí se transforma em produto chave do comércio nacional e internacional - O IBAMA lança projetos de integração das comunidades do entorno através do turismo justo.	Tentativas de criar cooperativas, fracassadas por falta de intermediários de confiança - Membros da comunidade participam do projeto turismo justo, João Amâncio e Rosemere em particular.		
2010	O êxodo para Calçoene continua	Fora o período do açaí, os moradores não têm atividade extrativa (a não ser para consumo próprio) e vivem de		Cf Domingos (técnico responsável motor), Olga (agente de saúde), Rosa (vigilante base ICM), Luis

*Coordination : François-Michel Le Tourneau. Responsable Mission Cunani : Florent Kohler*



*Programme USART – Financement Agence Nationale de la Recherche*

		pensões e salários.		(vigilante base ICM), Graça (merendeira), Edna (enfermeira), Maria José (aposentada) e Osiris (aposentado)...
--	--	---------------------	--	---

## Bibliografia

- CARDOSO Francinete do Socorro Santos, 2008, *Entre conflitos, negociações e representações. O Contestado Franco-Brasileiro na última década do século XIX*, Belém, UNAMAZ-NAEA-UFPA.
- CAVIGNAC Julie, 2003, "O tempo dos holandeses: imagens discursivas, paisagem e monumentos de um passado esquecido", Comunicação apresentada em 2003 no seminário "memória" - DAN - UFRN/CCHLA, s.n.
- CAVIGNAC Julie, 2004, "Retóricas do olhar e tramas da narrativa. Historicidade e mitografia em Nísia Floresta (RN)", Communication, rencontre de l'ANPOCS, s.n.
- CAVIGNAC Julie, 2005, "Um mundo encantado: memória e oralidade como patrimônio imaterial" in : *Carnaúba dos Dantas, terra da música. Inventário do patrimônio imaterial de uma cidade do sertão do Rio Grande do Norte* . C. dos Dantas: Petrobras Cultural / Carnaúba dos Dantas, 2005
- COIROLO Alícia Durán, CAVALCANTE Antônio R., MALATO Roberto C., PACHECO Vinícius de A., 1997, "Homenagem a Emílio Augusto Goeldi no Centenário do descobrimento do sítio arqueológico do Rio Cunani", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Série Antropologia*, vol.13(1), pp.27-62
- COUDREAU Henri A., 1886-1887, *La France Equinoxiale*, Paris, ed. sn,
- COUDREAU Henri A., 1889, « Le Counani et le Mapa », *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, 7<sup>e</sup> série, tome 10, 1<sup>er</sup> trimestre, pp.396-424.
- DU REAU Tancrede, 2000, *L'affaire de Mapa et le contesté franco brésilien : dernières prétentions françaises en Amérique du Sud (1889-1901)* , Mémoire de maîtrise d'Histoire
- GOELDI Emilio Augusto, 1900, "As cavernas funerárias artificiaes de Indioshoje extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua ceramica", in *Excavações archeologicas em 1895 executadas pelo Museu Paraense no Littoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas – 1<sup>a</sup> parte*. Belém, *Memorias do Museu Goeldi (Museu Paraense) de Historia Natural e Ethnographia*.
- GOMES Eduardo Lima dos Santos, 2010, "Turismo no entorno do PARNA do Cabo Orange, amapá: desafios à sustentabilidade socioambiental", in SIMONIAN, pp.255-256
- GROS Jules, 1887, *Les Français en Guyane*, 7<sup>e</sup> éd. Paris, Picard
- HELL Bertrand, 1994, *Le Sang noir – Chasse et mythe du sauvage en Europe*, Champs, Flammarion
- HURAUULT Jean, 1965, « La population des Indiens de Guyane française. I. Vue historique générale », *Population*, 20<sup>e</sup> année, n°4, 1965 pp. 603-632.
- KOHLER Florent, 2007, "Parna Cabo Orange : um sobrevôo antropológico", rapport de synthèse, commande ICMBio.
- KOHLER Florent, 2009, « Du caboclo à l'indigène : réflexions sur l'ethnogenèse au Brésil », *Journal de la Société des Américanistes*, 95-1, pp. 41-72
- PARNA CABO ORANGE 2008 Plano de Manejo
- QUEIROZ Jonas Marçal de, 1999. « História, mito e memória : o cunani e outras repúblicas », In GOMES Flavio dos Santos, *Nas terras do Cabo Norte. Fronteiras, colonização e escravidão na Guiana brasileira, séculos XVIII, XIX*, pp 319-347.

- SARNEY José e COSTA Pedro, 1999, *Amapá: a Terra onde o Brasil Começa*, Brasília, ed. do Senado
- SIMONIAN Lígia T.L. (org.), 2010, *Políticas públicas, desenvolvimento, unidades de conservação e outras questões socioambientais no Amapá*, Belém, Editora do NAEA/MPEAP
- THEBIA Marie-Claude, *Les spiritains : la Mission de GF, 1777-1894*, Maîtrise d'histoire. Juin 1989
- TOUCHET Richard, 1993, *Le Contesté Franco-Brésilien (1893-1900) – de la découverte de l'or à Carsewène à l'arbitrage de 1900* – Mémoire de maîtrise